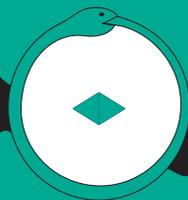
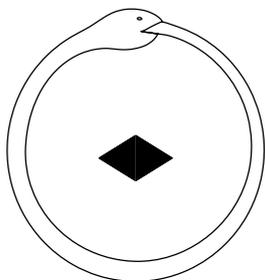




TUDO VERDE TEM PARENTESCO
criações a partir de Vernadsky



cadernos
SELVAGEM



TODO VERDE TEM PARENTESCO

criações a partir de Vernadsky

Aliny Pires, Ana Miguel, Camila Vaz, Carou, Dani Lima, Debora Boratto, Fernanda Zerbini, Larissa Medeiros, Laura Castro, Lucas Canavarro, Luiz Guilherme Vergara, Máira Padgurschi, Marcelo Varella, Nana Orlandi, Nino Sá, Nivea Dias, Pedro Lago, Priscila Jacomo, Ricardo Cunha e Thelma Vila Boas

Durante a quarentena para lidar com a pandemia de 2020, em quatro quartas-feiras entre maio e junho, um grupo de 56 pessoas reuniu-se virtualmente para um ciclo de leitura sobre o livro *Biosfera*, de Vladimir Vernadsky. A orientadora do estudo foi a ecóloga Aliny Pires.

Foram quatro encontros sobre a vida, suas transformações e sua maravilhosa capacidade de pulsar o planeta. Raios cósmicos, esferas, atividades colaborativas, mitocôndrias e cianobactérias envolveram substancialmente nosso grupo.

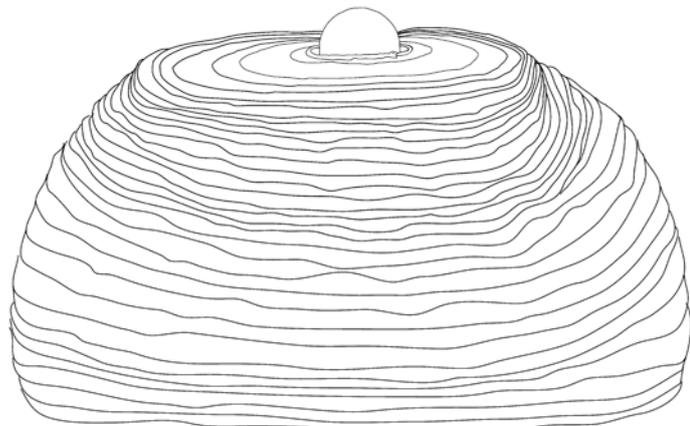
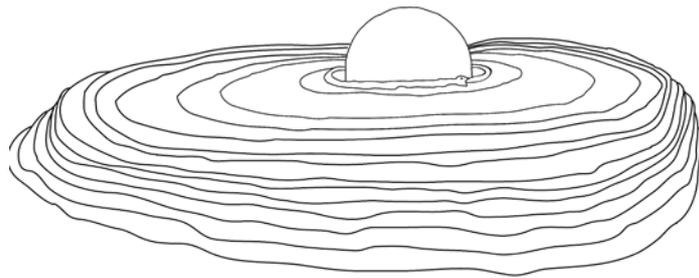
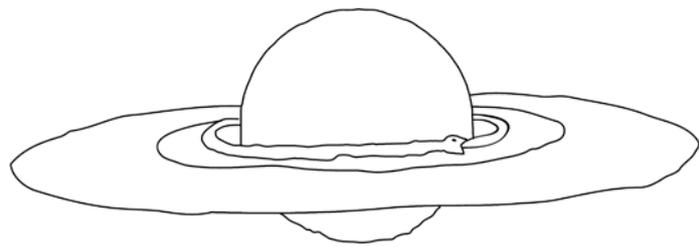
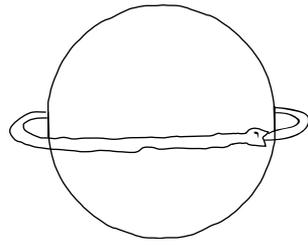
Percorremos os caminhos entre a luz e a vida, elucidados pela cativante Aliny e não conseguimos nos desligar depois do encerramento do ciclo. Sonhamos com este caderno, sonhamos também em compartilhar nosso entusiasmo com crianças. Nos sentimos crianças diante de raios cósmicos. Filhas e filhos do Sol. Nossa animação nos levou a Nino Sá, um menino cheio de saberes e à meninada da Lanchonete<>Lanchonete, uma cozinha-escola no bairro da Gamboa, Rio de Janeiro.

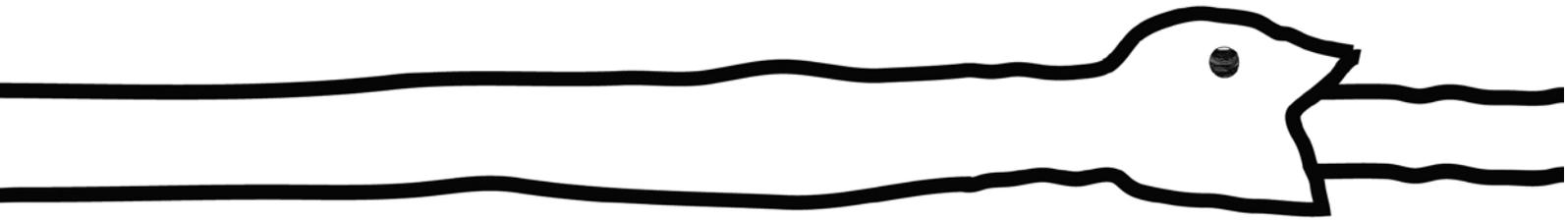
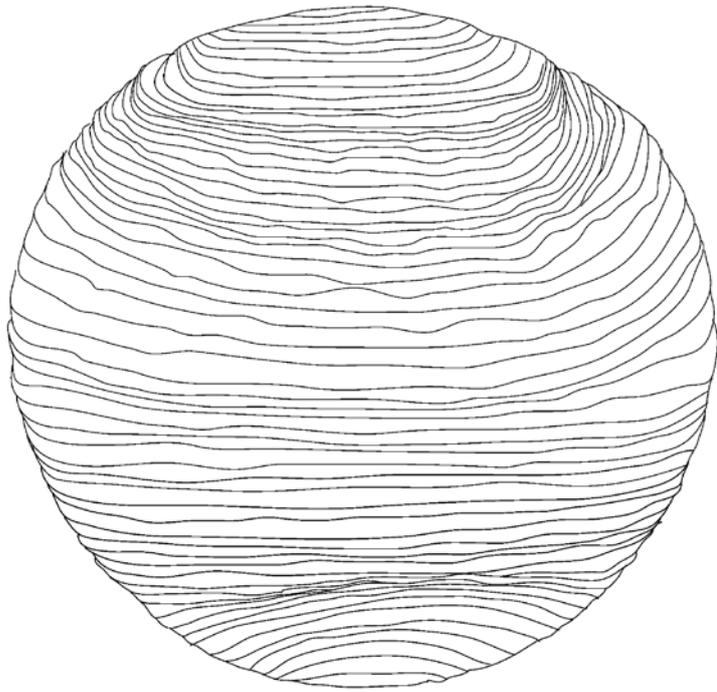
Criamos Urbana, uma colônia de cianobactérias em 2020 e Gaia, uma colônia *ancestral* de cianobactérias, personagens que permeiam algumas das criações que aqui compartilhamos.

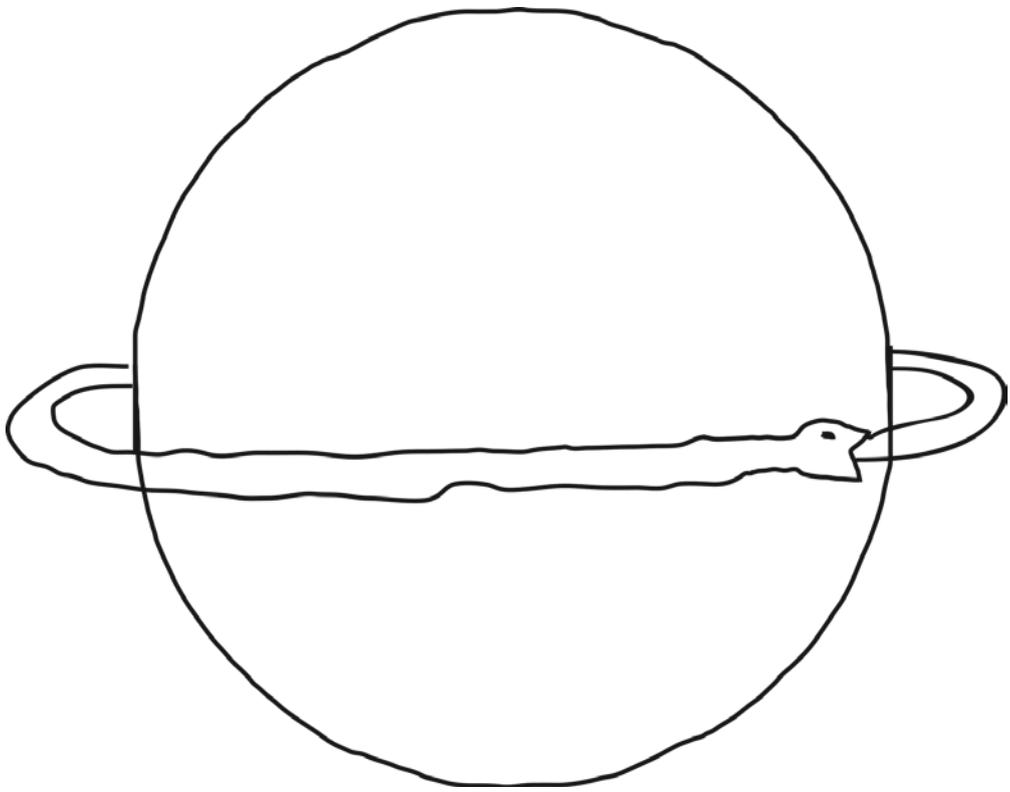
São desenhos, textos, fotografias e anotações de dezoito integrantes do ciclo de leitura. “Todo verde tem parentesco” é um poema, frase que nasceu máxima, de Lucas Canavarro, de quem também pegamos emprestada a arte que estampa a capa.

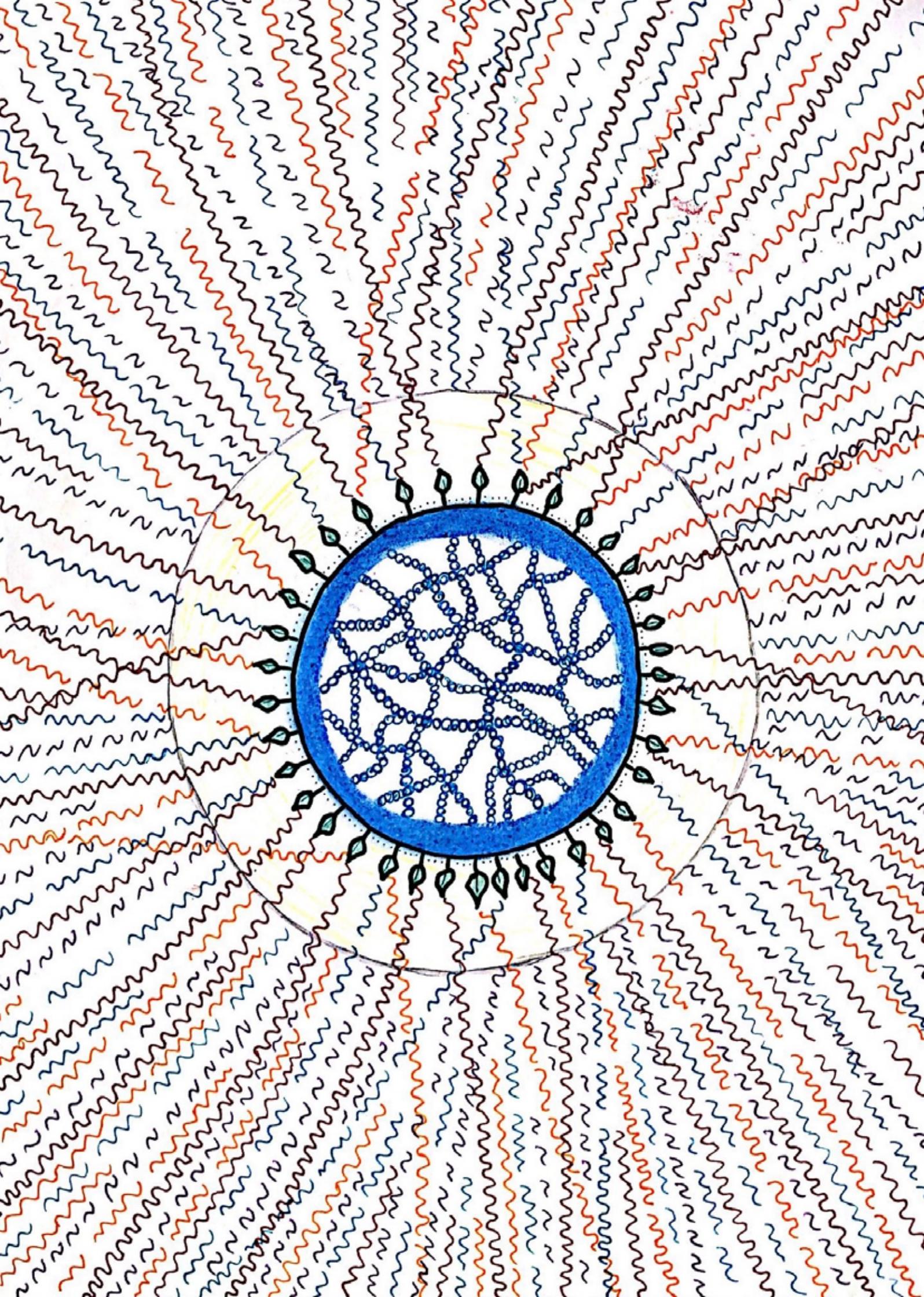
Este é um caderno de cadernos.

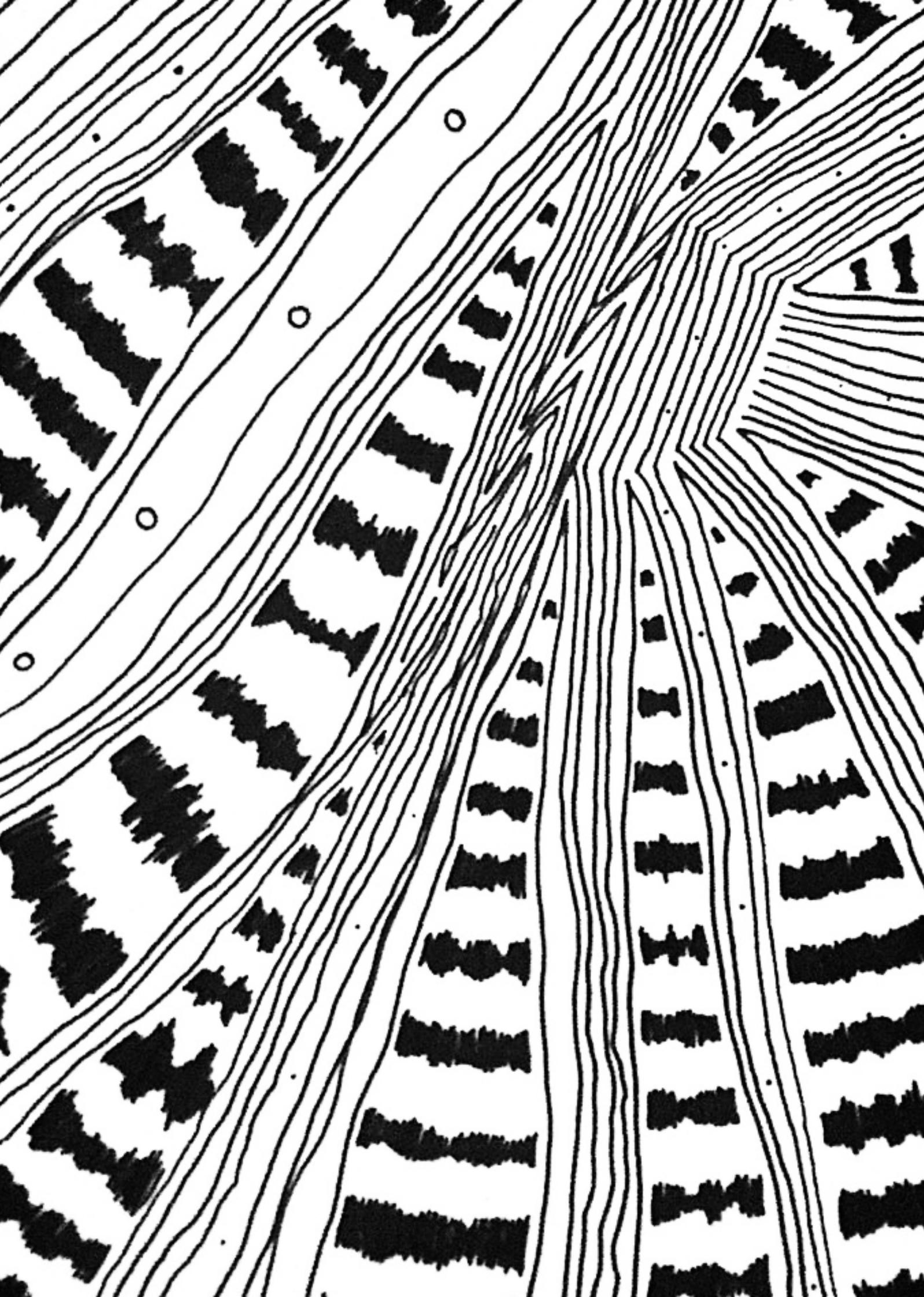
Uma comunidade de reflexões, solares.









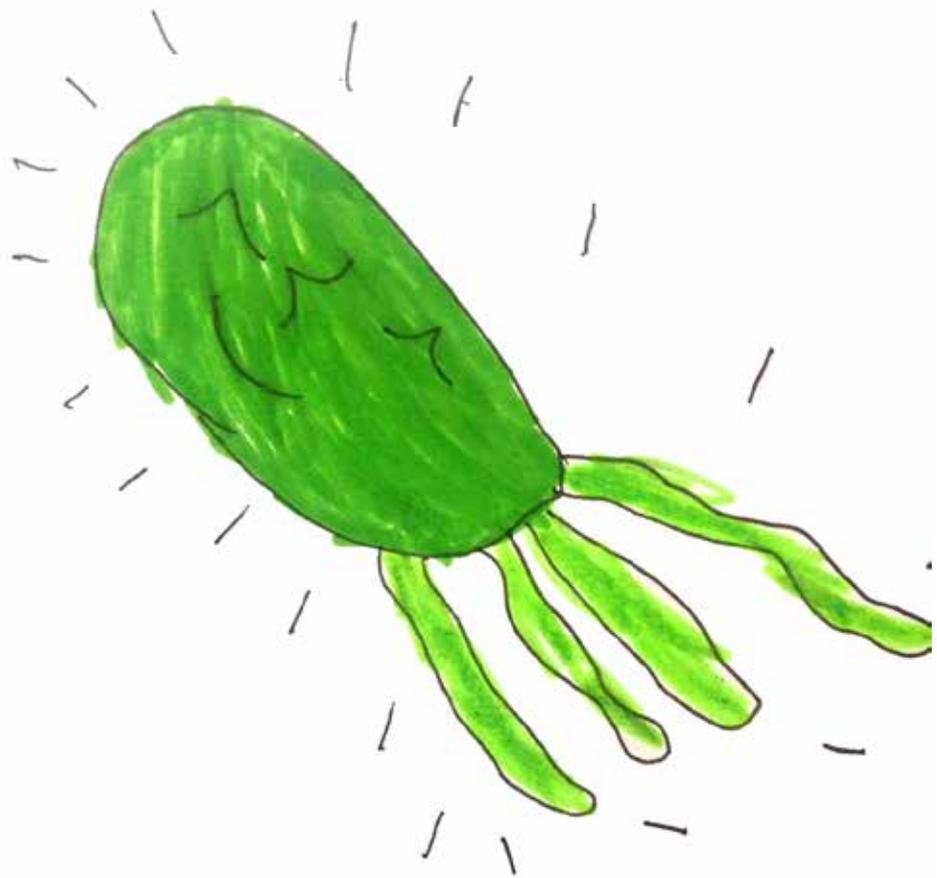


Mãe

Cianobactéria

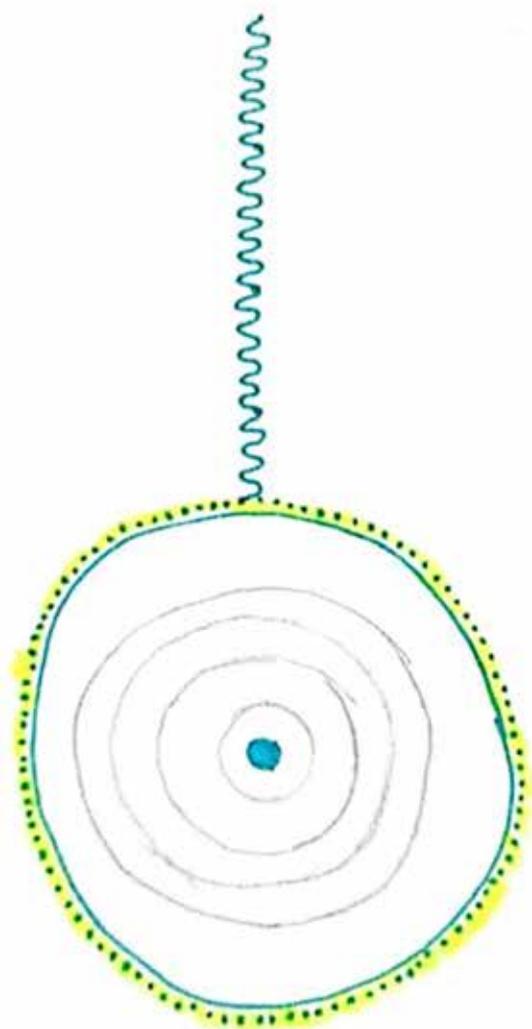
Todo o verde

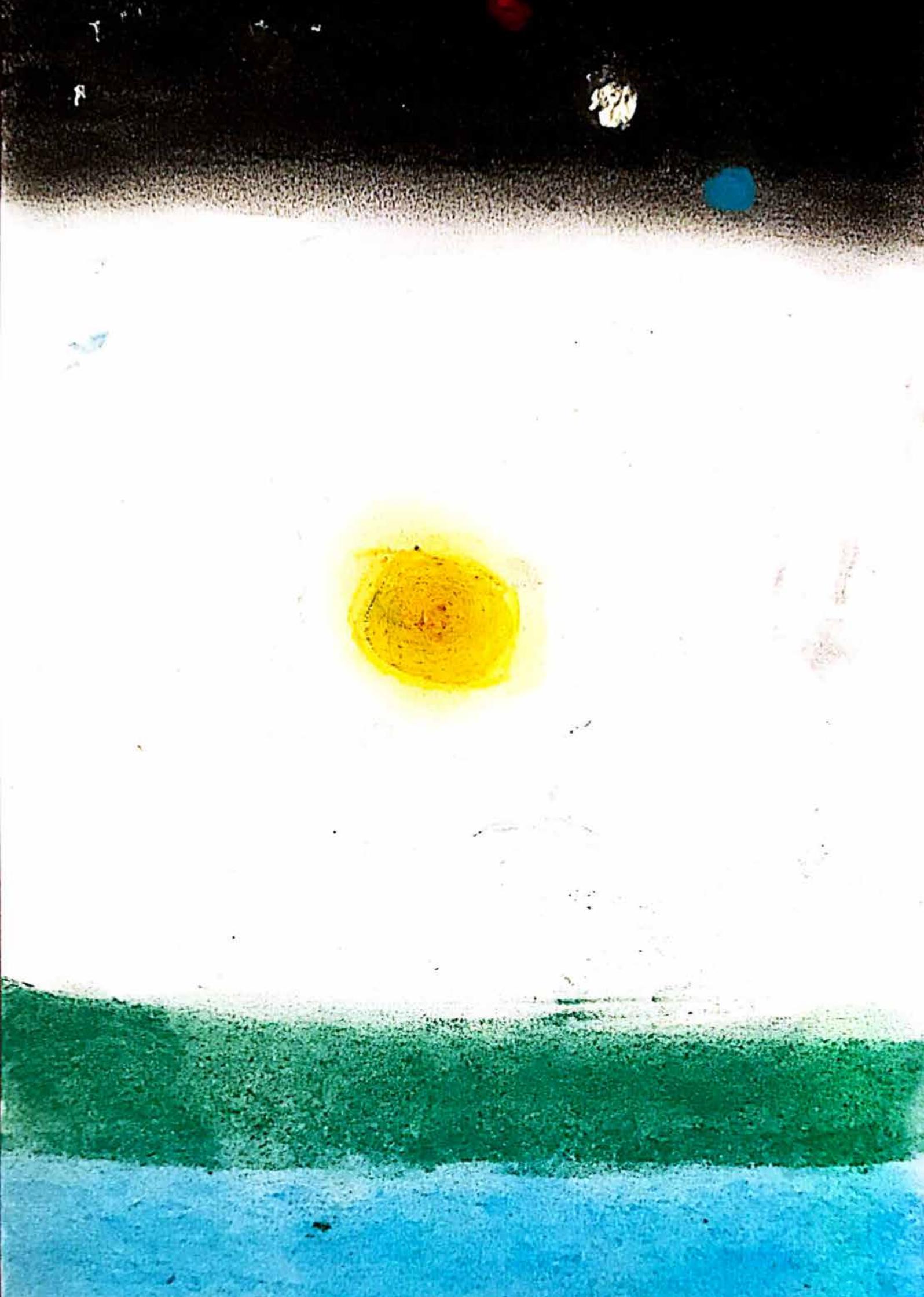
tem parentese



O mundo
é verde?

O verde
é mundo







O QUE É VIDA?

(Lynn Margulis & Dorian Sagan)

A vida é
A representação
A “presentificação”
De químicas passadas
De um ambiente pretérito
Da Terra primitiva que,
Em virtude da vida,
Persiste na Terra moderna.

É a encapsulação aquosa
Do espaço-tempo
Delimitada por uma membrana.

A morte
Faz parte da vida
Porque até a matéria agonizante,
Uma vez reproduzida,
Resgata complexos sistemas químicos
E estruturas dissipativas
Florescentes
Do equilíbrio termodinâmico.

A vida é
Um eixo de crescente sensibilidade
E complexidade
Num universo de matéria-mãe que,
Comparada a ela,
Parece embotada e insensível.

Ela tem que se manter
Contrariando a tendência universal
Do calor a se dissipar
Com o correr do tempo.

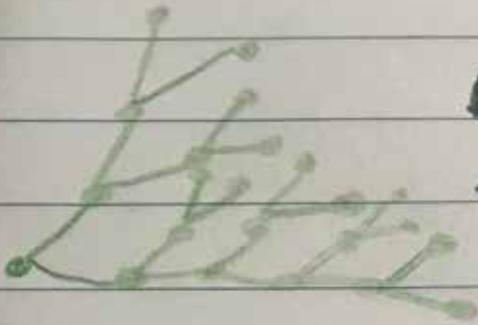
Essa visão termodinâmica explica,
De certo modo,
A determinação
O caráter deliberado da vida:
Durante bilhões de anos
Ela tem estado presa a um padrão
Do qual, mesmo se quisesse,
Não poderia sair
E que consiste
Em aumentar a aposta
À medida que ela avança.

É que a própria vida consiste
Nesses padrões
De conservação química
Num universo que tende
Para a perda de calor
E a desintegração.

Preservando o passado
E estabelecendo uma diferença
Entre o passado e o presente
A vida vincula o tempo
Ampliando a complexidade
E criando
Novos problemas
Para si mesma.

(Adaptado de estrutura em prosa. "O que é vida?", Lynn Margulis e Dorian Sagan. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Ed., 2002.)

Essa energia corresponde à enorme
velocidade de sua reprodução.



Desta forma, por um dia e
meio, os bactérias poderiam
cobrir a superfície do
globo terrestre

A Pressão da vida
A insistência da vida em se reproduzir
encontrando-se em estado latente e permanecendo dessa forma
no mínimo por séculos.

Entretanto, essa penetração de sementes do exterior é uma condição necessária para essa ocupação, mas não a produz. A ocupação se realiza devido à reprodução de organismos vivos e depende de energia geoquímica específica para sua reprodução e pela contínua por anos, até que o equilíbrio que fora perturbado seja restaurado. Como veremos, isso está em plena conformidade com a transferência de de transmissão da vida na biosfera, a transferência da energia geoquímica dessas matérias vivas – as plantas verdes superiores. Nesse caso, observando atentamente a ocupação de espaços vazios, uma pessoa pode ver o movimento de ocupação da vida sobre o qual estou falando, sentir sua pressão; quando se debruça sobre ele, pode contemplar o movimento da energia solar em nosso planeta, transformada em terrestre – em química.

A pessoa percebe isso também nos casos em que precisa proteger da ocupação alheia os campos ou espaços vazios que serão utilizados, gastando energia para superar a pressão da vida.

E também vê isso quando observa a natureza que a rodeia, na luta monótona, silenciosa e impiedosa pela existência que as plantas verdes conduzem ao redor dela. E, de fato, realmente vê e sente que uma floresta está se aproximando da estepe ou como uma tundra de líquen a suprime em seu movimento.

§ 28. Insetos artrópodes, ácaros, aranhas compõem a principal massa de matéria de animais vivos da terra firme. Nos países tropicais e subtropicais, o papel dominante é desempenhado pelos *Orthoptera*, pelas formigas e pelos cupins. Sua reprodução ocorre de maneira singular. Embora a energia geoquímica que lhes corresponde (§37) seja da mesma ordem, ainda é

A Pressão da vida
A insistência da vida em se reproduzir encontrando-se em estado latente e permanecendo dessa forma no mínimo por séculos.

Entretanto, essa penetração de sementes do exterior é uma condição necessária para essa ocupação, mas não a produz. A ocupação se realiza devido à reprodução de organismos e depende de energia geoquímica específica para sua reprodução pela contínua por anos, até que o equilíbrio que fora perturbado seja restaurado. Como veremos, isso está em plena conformidade com a lei de conservação de transmissão da vida na biosfera, a transferência da energia geoquímica dessas matérias vivas – as plantas verdes superiores. Nesse caso, observando atentamente a ocupação de espaços vazios, uma pessoa pode ver o movimento de ocupação da vida sobre o qual estou falando, sentir sua pressão; quando se debruça sobre ele, pode contemplar o movimento da energia solar em nosso planeta, transformada em terrestre – em química.

A pessoa percebe isso também nos casos em que precisa proteger da ocupação alheia os campos ou espaços vazios que serão utilizados, gastando energia para superar a pressão da vida.

E também vê isso quando observa a natureza que a rodeia, na luta monótona, silenciosa e impiedosa pela existência que as plantas verdes conduzem ao redor dela. E, de fato, realmente vê e sente que uma floresta está se aproximando da estepe ou como uma tundra de líquen a suprime em seu movimento.

§ 28. Insetos artrópodes, ácaros, aranhas compõem a principal massa de matéria de animais vivos da terra firme. Nos países tropicais e subtropicais, o papel dominante é desempenhado pelos *Orthoptera*, pelas formigas e pelos cupins. Sua reprodução ocorre de maneira singular. Embora a energia geoquímica que lhes corresponde (§37) seja da mesma natureza, ainda assim...

A Pressão da vida
A insistência da vida em se reproduzir

encontrando-se em estado latente e permanecendo dessa forma no mínimo por séculos.

Essa penetração de sementes do exterior é uma ocupação para essa ocupação, mas não a produz. A ocupação produzida devido à reprodução de organismos e depende de condições geoquímicas específicas para sua reprodução e da continuidade dos anos, até que o equilíbrio que fora perturbado seja restaurado. Quando vemos, isso está em plena conformidade com a transmissão da vida na biosfera, a transferência da química dessas matérias vivas – as plantas verdes superiores. Nesse caso, observando atentamente a ocupação de espaços vazios, uma pessoa pode ver o movimento de ocupação da vida sobre o qual estou falando, sentir sua pressão; quando se debruça sobre ele, pode contemplar o movimento da energia solar em nossa atmosfera, transformada em terrestre – em química.

Uma pessoa percebe isso também nos casos em que precisa proteger a ocupação alheia os campos ou espaços vazios que serão utilizados, gastando energia para superar a pressão da vida.

E também vê isso quando observa a natureza que a rodeia, na luta monótona, silenciosa e impiedosa pela existência que as plantas verdes conduzem ao redor dela. E, de fato, realmente vê e sente que uma floresta está se aproximando da estepe ou como uma tundra de líquen a suprime em seu movimento.

§ 28. Insetos artrópodes, ácaros, aranhas compõem a principal massa de matéria de animais vivos da terra firme. Nos países tropicais e subtropicais, o papel dominante é desempenhado pelos Orthoptera, pelas formigas e pelos cupins, e de maneira singular. E responde...

A pressão da vida

A insistência da vida em se reproduzir

encontrando-se em estado latente e permanecendo dessa forma no mínimo por séculos.

Essa penetração de sementes do exterior é uma ocupação necessária para essa ocupação, mas não a produz. A ocupação produzida devido à reprodução de organismos e depende de condições geoquímicas específicas para sua reprodução; ela continua por anos, até que o equilíbrio que fora perturbado seja restaurado. Quando veremos, isso está em plena conformidade com a velocidade de transmissão da vida na biosfera, a transferência da energia química dessas matérias vivas – as plantas verdadeiras e superiores. Nesse caso, observando atentamente a ocupação de espaços vazios; uma pessoa

movimento de ocupação da vida em estado latente; quando se debruça sobre a energia solar em nossa atmosfera química.

os espaços em que precisa produzir, e os espaços vazios que serão ocupados. E também observar a natureza que a rodeia,

luta monótona, silenciosa e impiedosa pela existência que as plantas verdes conduzem ao redor dela. E, de fato, realmente vê-se que uma floresta está se aproximando da estepe ou como a tundra de líquen a suprime em seu movimento.

§ 28. Insetos artrópodes, ácaros, aranhas compõem a principal massa de matéria de animais vivos da terra firme. Nos países tropicais e subtropicais, o papel dominante é desempenhado pelos formigas e pelos cupins. Sua reprodução ocorre de maneira singular. Embora a energia geoquímica que lhes fornece (1837) seja da mesma ordem de magnitude que a que lhes fornece um pouco mais

A Pressão da vida

Penetração da vida em se Reproduzindo

...do-se em estado latente e permanecendo dessa forma
...mínimo por séculos.

Entretanto, essa penetração de sementes do exterior é uma
condição necessária para essa ocupação, mas não a produz. A ocu-

...ido à reprodução de organismos e depende
... específica para sua reprodução: el...

...é que o equilíbrio que fora perturbado

...s, isso está em plena conformidade

...ção da vida na biosfera, a tra

...ssas matérias vivas - as

...so, observando atentamente

... pessoa pode ver o movi

...re o qual está falando, sentir s

...bre ele, pode contemplar o mo

...ada em ter

...o ta



... e perm

... anterior

... produ

... dução de

... ica pa

... pro

... são; ela continu

... que fora

... seja restaurado.

... plena confort

... vida na biosfera, a

... vivas - a

... ino

... sentir

... pode contemplar o r

... da em t



ORIGENS DA VIDA

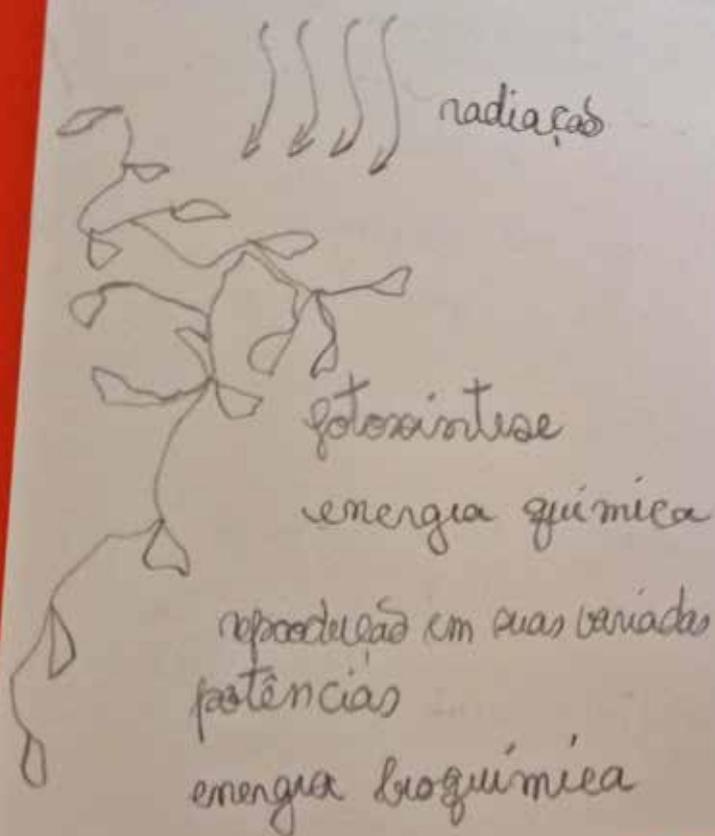
No começo, tudo estava escuro. Eu dormia toda encolhida e me sentia bem aquecida. Era como se uma grande colcha estivesse me sustentando e eu estava toda coberta. Mas a colcha não era pesada... era leve. Eu sentia que tinha espaço. Um dia veio a gota d'água. Ela atravessou a colcha e me envolveu no seu abraço. Eu acordei e respirei pela primeira vez. A colcha agora estava úmida e foi quando eu senti pela primeira vez o cheiro de terra molhada. Que aroma delicioso! Aquele abraço, aquele cheiro... sensações ou mensageiros do que alguns chamam de força vital. Mas ainda me sentia fraca demais para mexer. Permaneci quietinha, esperando ansiosa o próximo dia em que a gota viesse me visitar. E ela veio! No dia seguinte e no outro, e no outro... desde então, ela sempre vinha e me envolvia no seu abraço confortante e estimulante. Começava a me sentir cada vez mais viva e mais forte. Até que um dia me veio uma incontrolável vontade de espreguiçar. Sabe aquela mexida que começa lá do fundo do peito e vai percorrendo todo o corpo até chegar nas extremidades e, quando chega lá, quer ir além? Foi assim que espreguicei pela primeira vez. Espreguicei tanto que um burquinho se abriu e de lá saiu minha primeira raiz. Acho que esse buraco é o que alguns chamam de umbigo. A gota d'água continuou vindo e a minha pequena raiz crescia rápido! Ela crescia, se ramificava e ia costurando toda aquela colcha. Às vezes, ela encontrava outras raízes. Elas se entrelaçavam num nó e isso tornava a costura ainda mais firme.

No meio disso tudo, eu me sentia cada vez mais forte, mais confiante e com mais energia. Comecei a me desembrulhar e a espichar. Era movida pela busca de uma luz que eu nunca tinha visto, mas que eu sabia que existia. Como uma intuição. Acho que alguns também chamam isso de fé. Espichei e espichei até chegar ao final da colcha. Era a hora de me aventurar por um ambiente desconhecido... como uma criança que coloca o pé na terra pela primeira vez, cautelosamente, coloquei um pedacinho de mim para fora da colcha. Senti pela primeira vez o vento balançar. E senti a luz! Senti os raios dessa energia cósmica e comecei a transformá-los e a movimentá-los. Quando ficou escuro, também senti pela primeira vez os raios das outras estrelas. E é assim que a grandeza do universo começou a se manifestar aqui na Terra.

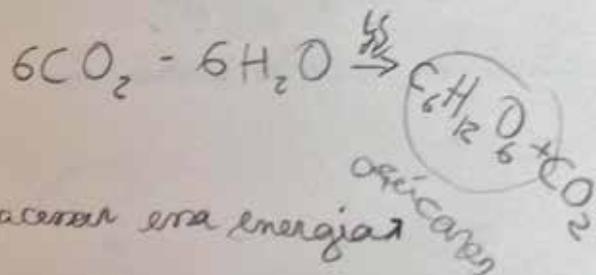


Fruto da observação da origem da pequena vida no quintal.

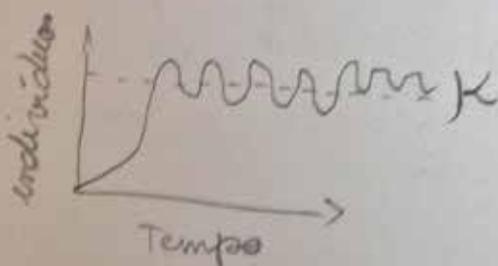
Energia Química



capacidade suporte
(K)



respiração



Os descendentes Kadiwéu
bacia do Rio da Prata
Região do Chaco
edive (uma palmeira)
Rio Paraguay

Os Kadiwéu foram os únicos
no Brasil a domesticar
os cavalos. Usos do couro, tal
como vemos nos góndons do
Dobret.

A guerra do Paraguai destruiu
muitas tradições e populações
entre os Kadiwéu e os Terena

o ~~~~~
Teriam sua origem em
com os grafismos?

(desconhecimentos sobre)

exercem uma agência
na etnia, identifica clãs e
famílias
constitui o sujeito

Ode à cianobactéria (Nivea Dias dos Santos)

Vida invisível
Arquiteta a atmosfera
Do caldo primordial
Transforma luz em matéria

Reflete sobre si o cosmos
A Terra Bola de Neve
Produz, reproduz, dissipa
Camada vital, prossegue

Em associações simbióticas
Origina organelas
Que bailam, criam formas
Nos oceanos, nas dimensões da Biosfera

Vida complexa
Conquista a terra
Dos oceanos saudosa
Com mucilagem, a cianobactéria

Espalha-se sobre solos
Membrana de Gaia, mistura elementos
Retém água, fixa ar, recicla
Coloniza rios, prossegue

Encontra outros corpos
Com quem se associa
Abraça árvores e rochas
Em simbiose evolui, recria

Vida transcendente
Conduz a Terra
Desde os tempos remotos
À atual Era

Criada pelo homem
Ser fabuloso que erra
Eutrofiza, desmata, polui
Prossegue, a cianobactéria

Regula a potabilidade
Das águas urbanas
É tida como inimiga
Por sociedades humanas



Ideias, reflexões, sonhos e livros da Máira Padgurschi

Disseminação da vida: movimento que se expressa ao longo da existência.

Uma manifestação de sua energia interna, do trabalho químico que cada ser vivo, do microrganismo ao humano, produz. Embora esse movimento nos rodeie o tempo todo, nós humanos não o percebemos, porque com os nossos olhos cobrimos apenas o resultado geral: a beleza, a variedade de formas e cores. Vemos campos e florestas com suas plantas e vida animal, lagos cheios de vida e o mar. Vladimir Vernadsky

Já me parece frívolo falar sobre Meio Ambiente quando nossa sociedade tem que lidar com violência, pandemia, terra plana, fome, racismo, seca, machismo, desigualdades, ausência do estado, falhas inúmeras na educação..... Mas a verdade é que isso ocorre quando pensamos em um planeta em segmentos, fracionado, como se todos esses pontos fossem desconexos, mas não são. O consumo excessivo e desnecessário de bens gera ou amplifica as desigualdades ao mesmo tempo que explora desenfreadamente os recursos naturais. Essa super exploração degrada os ambientes levando ao surgimento de doenças que acabam impactando de maneira mais grave os grupos mais vulneráveis. A ausência do estado no sentido de coibir a degradação ambiental e os próprios impactos negativos sobre os mais vulneráveis é o racismo ambiental.

Firme, imóvel, exposta aos fenômenos atmosféricos (...). Ser pássaro sem poder voar. Tudo concorre para sua existência, da estrutura anatômica do tronco à fisiologia geral da planta. (...) Esses pequenos limbos verdes que povoam o planeta e capturam a energia do solo são o tecido conectivo cósmico que, há milhões de anos, permite às vidas mais diversas se entrecruzar e se misturar. Emanuele Coccia

Com esse texto, escrito em 2016, Emanuele Coccia ilustra de forma poética a diversidade cuja base está nas plantas, responsáveis pela conexão com o cosmos dando início à biosfera. A biosfera brasileira é privilegiada. Junto com outras 17 nações, é considerada uma região de elevada riqueza biológica: pelo menos 5000 espécies de plantas existentes no mundo ocorrem exclusivamente aqui. São os ambientes equilibrados nos quais essas plantas ocorrem que nos garantem inúmeros benefícios, incluindo alimentação, remédios, energia, água potável, controle de erosão, polinização, regulação do clima, cultura. Cultura associada a cerca de 25 milhões de pessoas, ou 1/4 do território nacional, incluindo 800 mil indígenas de 305 etnias, falantes de 274 línguas, e ao menos 28 grupos de populações tradicionais (pescadores, quilombolas, seringueiros, ribeirinhos, quebradeiras de coco-babaçu, pantaneiros, vazanteiros, veredeiros, geraizeiros).

Kaatiguá, Siriyba, Jundiáyba, Jatayba, Ipêiba, Ipê piranga, Yaborandi, Araçá, Pitanga,

Kaá piranga, Pindáyba, Emabayba são alguns nomes de plantas dadas pela taxonomia indígena que resultam dessa co-habitação, da observação, da dinâmica na biosfera. Então não é frívolo falar sobre meio ambiente quando partirmos do princípio que somos UNO, somos Gaia. Os alimentos que comemos, o ar que respiramos, a água que bebemos e o clima que torna nosso planeta habitável vêm da natureza. Apesar de todos os avanços tecnológicos, somos completamente dependentes de ecossistemas saudáveis, afinal vivemos três minutos sem ar, três dias sem água e três semanas sem comida. Esse é o limite humano sem BIODIVERSIDADE! Tomando licença de parafrasear Paulo Freire: não podemos apenas estar NA biosfera, é preciso estar COM a biosfera. É hora de agir: ECOARE-SE!

Sobre ECOARA: Ecoara é, por princípio, uma filosofia de vida. Minha filosofia. Uma forma de me colocar no mundo e falar um pouco sobre o que acredito. Queria um nome indígena, que fosse representativo da minha cultura e ancestralidade, mas que também trouxesse significância a essas minhas reflexões. Achei no dicionário Tupi-Guarani/Português (Silveira Bueno) que ECOARA é aquela ou aquele que reside e cuida. A crise climática e ambiental que a humanidade vive é consequência da nossa falta de cuidado com o local em que residimos. Assim, na prática ECOARA tornou-se minha ideia e, com base no que a natureza nos ensina e nos meus estudos acadêmicos, eu busco auxiliar e promover a reconciliação entre conservação e desenvolvimento sustentável (seja na teoria, pelo pós-doutorado, seja na prática, pelas consultorias que realizo). Meu foco são os benefícios que a natureza nos traz, também chamados de Serviços Ecossistêmicos, então nas redes sociais eu busco colocar informações sobre sustentabilidade e soluções da natureza para o enfrentamento das crises climática e ambiental. ECOARA.SE é uma referência aos Serviços Ecossistêmicos (água potável, mel das abelhas, frutos da jaboticaba), mas é também meu convite: Ecoare-se, passe a ser o agente da mudança que você quer ver no mundo.

Livros citados:

Emanuele Coccia (2016) *A vida das plantas: uma metafísica da mistura*. Edição Brasileira (2018): tradução Fernando Scheibe. Desterro (Florianópolis): Cultura e Barbárie; João Barbosa Rodrigues (1905) *Mbaé Kaá: o que tem na mata. A botânica nomenclatura indígena*. 2ª edição (2018) – Rio de Janeiro: Dantes; Paulo Freire (1971) *Educação como prática da liberdade*. 3ª edição – Rio de Janeiro: Paz e Terra;



Luiz Guilherme Vergara 6 Jul



to me, Selvagem ▾

Boa tarde

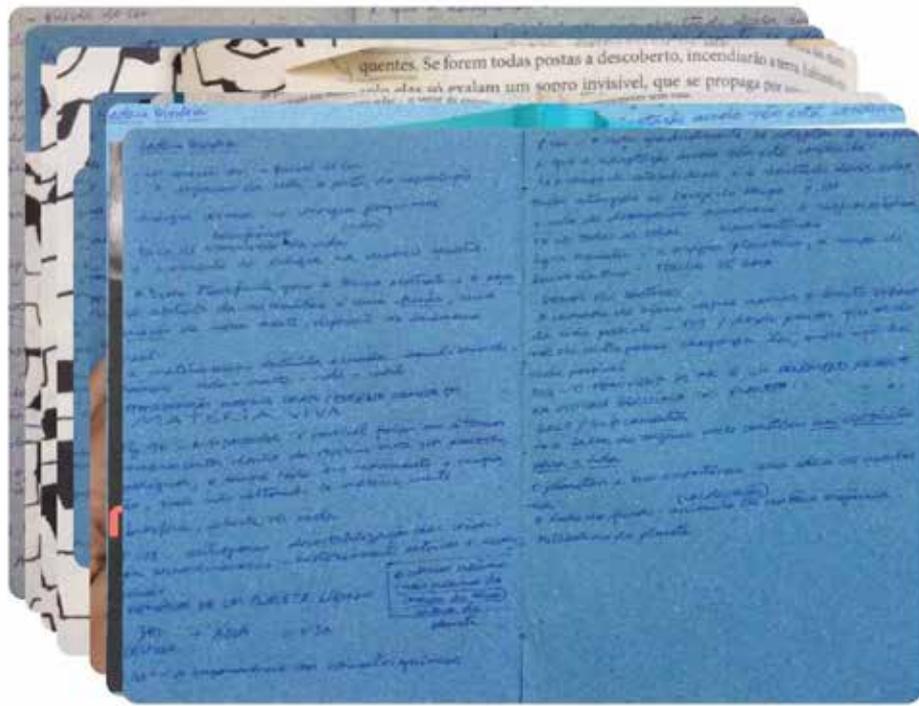
não sei se já encaminhei essas sugestões:
Biosfera páginas soltas... início e fim...
entram em circularidade... um livro como os
antigos rolos....?
para as crianças pensarem um livro de
perguntas.. mas que como a vida... o sol-
terra.. tudo gira....fim-começo-fim.-começo...

Livro das interdependências de tudo que está
vivo... da reversibilidade da matéria viva...
matéria inerte.... matéria livre... para ser vida
de novo..

Não sei vou conseguir me liberar para esse
encontro na Lanchonete!! vou tentar... sei que
será incrível!!

bjs

...



camadas, membranas, peles

“Entre o lido e o vivido

Entre a demiúrgica lábria e a as camadas sobrepostas do refletido

(...) Ponto de liga alquímica”

Waly Salomão em “Polinizações cruzadas”

Poemaço Biosfera

Ao nosso redor

Dentro de nós

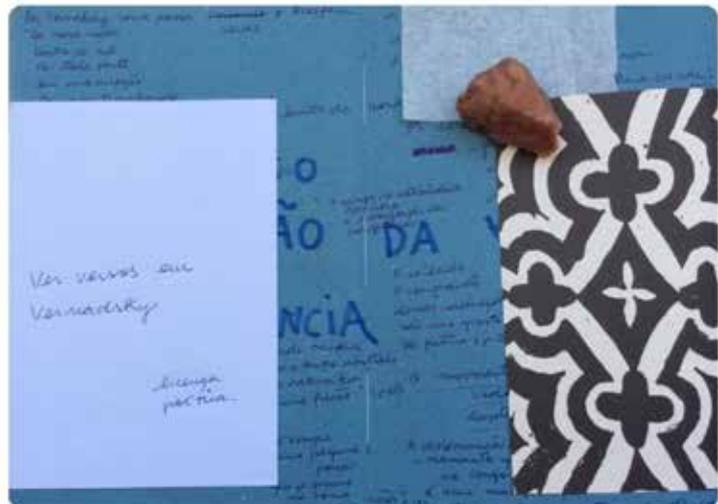
Por toda parte

Filhas e filhos do sol

Eternamente mudando

Eternamente mudando

Eternamente mudando



As radiações cósmicas

Vertem

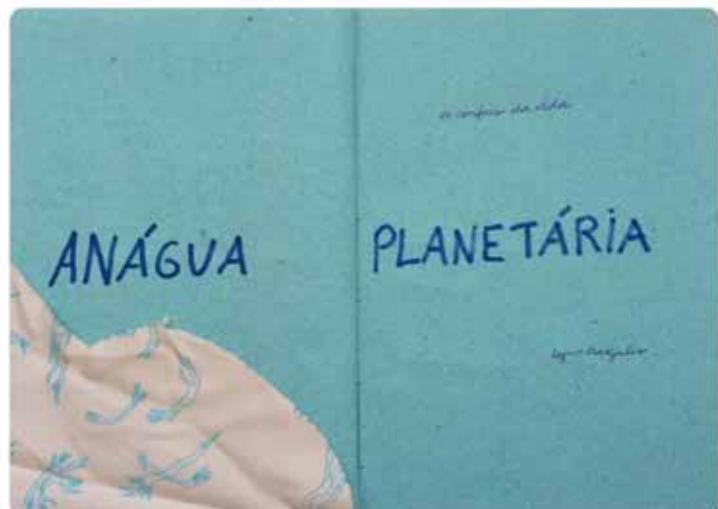
Sob a face da Terra

Um poderoso fluxo de forças

Criações efêmeras

Mudanças cegas e casuais

Moldam-na



Os limites da biosfera

São determinados

Pela existência da vida

Os átomos

vida e morte

captura e devolução

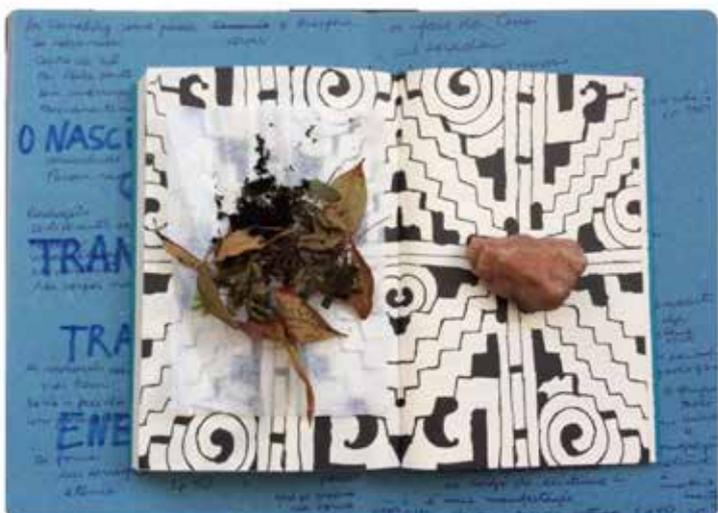
movimento e migração

criação e destruição

Minerais vão

Pequena porção

Remanescente



A matéria viva

Em sua viagem

Pelos períodos geológicos

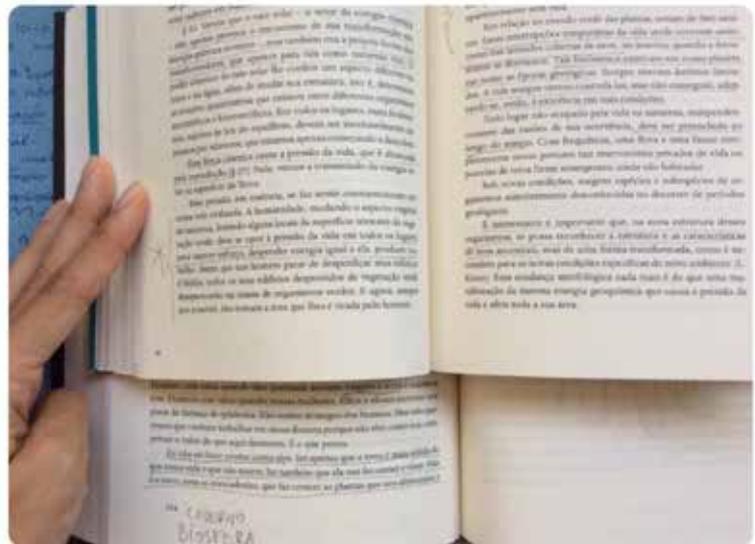
A disseminação
Da vida
O tempo todo
Ao longo de toda a existência:
Manifestação
De energia interna

O campo de estabilidade
Da vida
O tempo todo
Ao longo de toda a existência:
Adaptação
Ainda em curso



O cálculo
A compreensão
Dessas radiações
São uma questão
Do futuro

A vida transferida
Para o tempo abstrato
Da matemática
É uma ficção



A vida escapa
Para o tempo presente
Do aqui agora
Na emergência da respiração

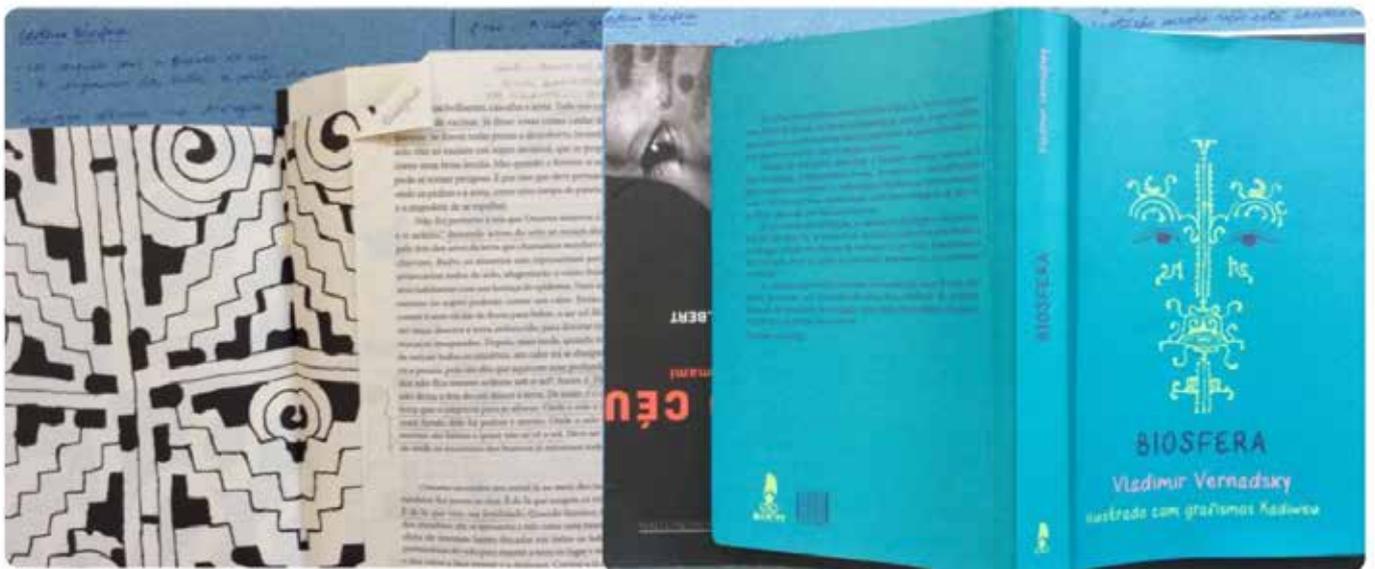
No cosmos, uma esperança
Reeducações selvagens
Revoluções alquímicas

Biosfera,
Camada ininterrupta da vida.



"Ver versos em Vernadsky" * Licença poética, I
45, 60, 97, 130, 183, 198.

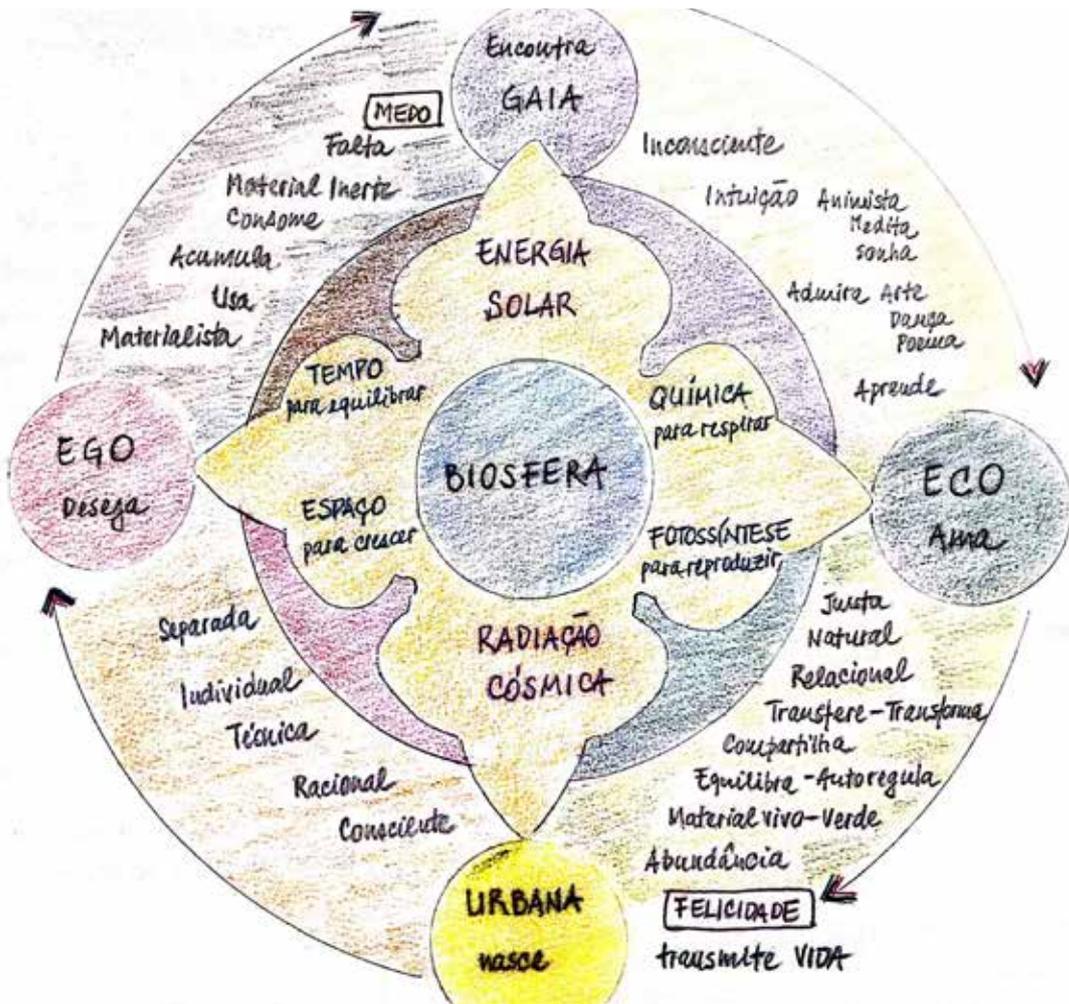
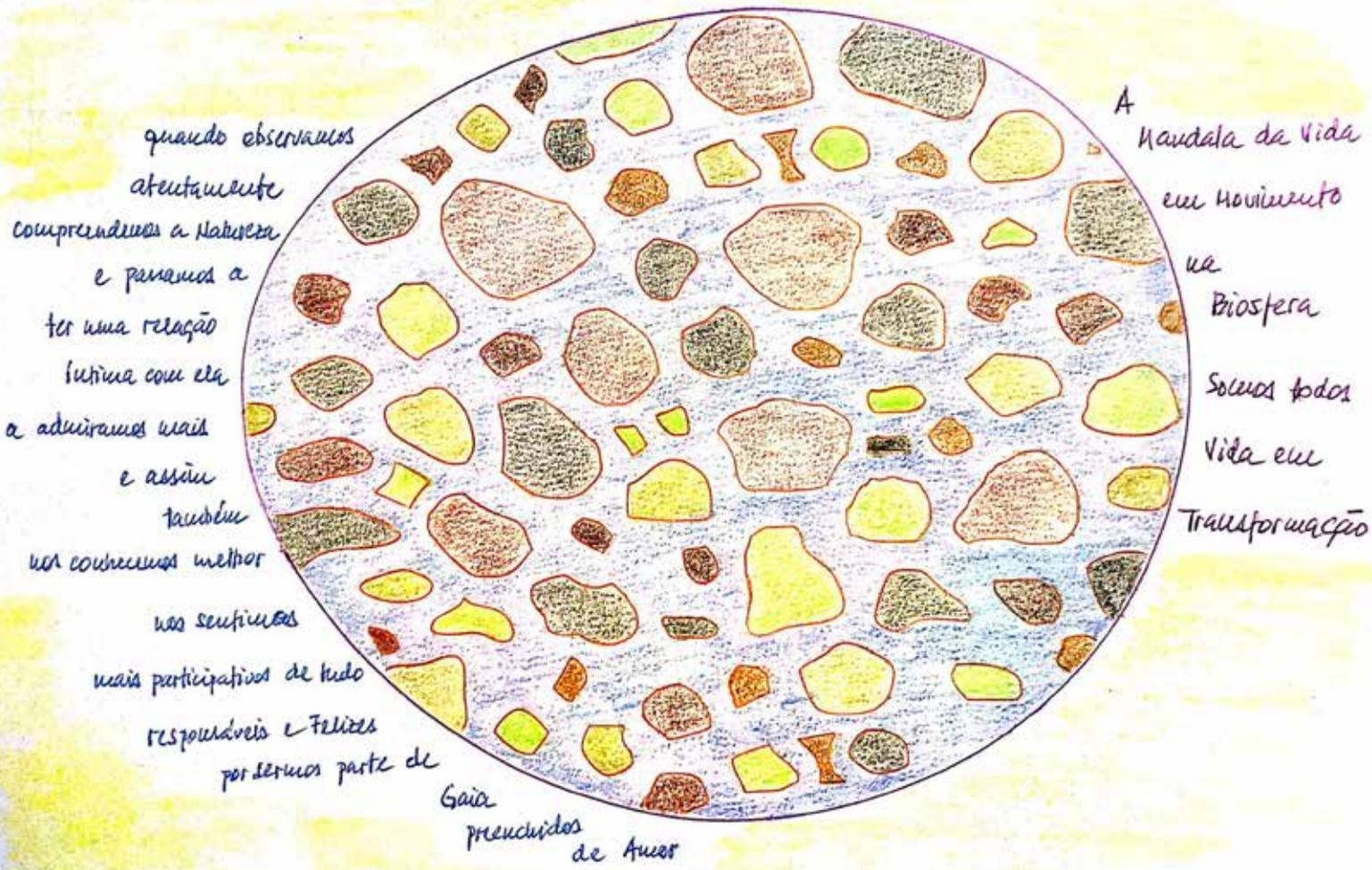
“Sem dúvida a conquista do ar
é um fenômeno recente
na história geológica
do planeta” (p.162)

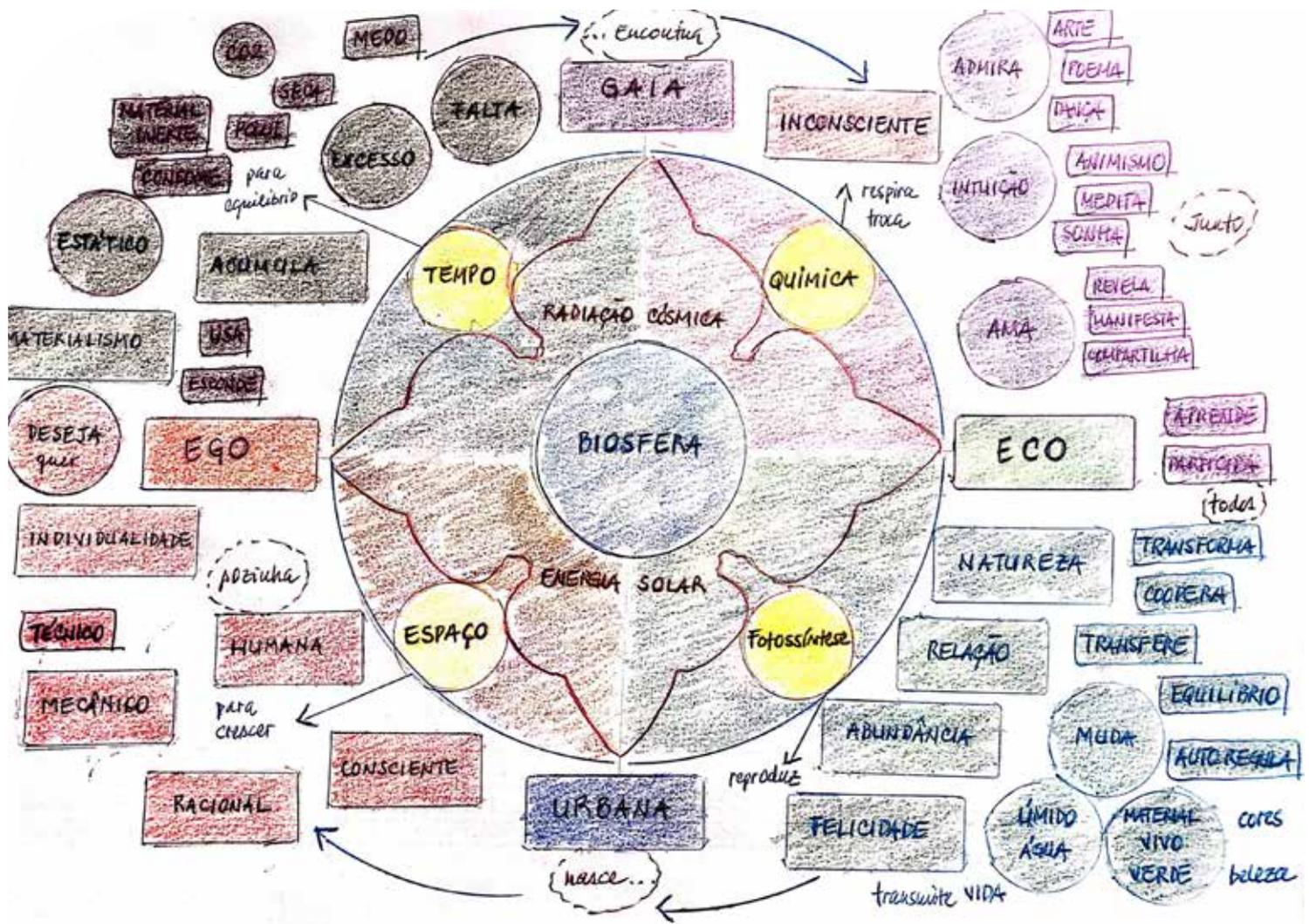


“No mundo dos organismos
Da biosfera
Há uma luta feroz
Pela existência.

Não apenas pela comida
Mas pelo gás necessário:

E essa última luta
É mais básica” (p.69)





URBANA APRENDE COM GAIA

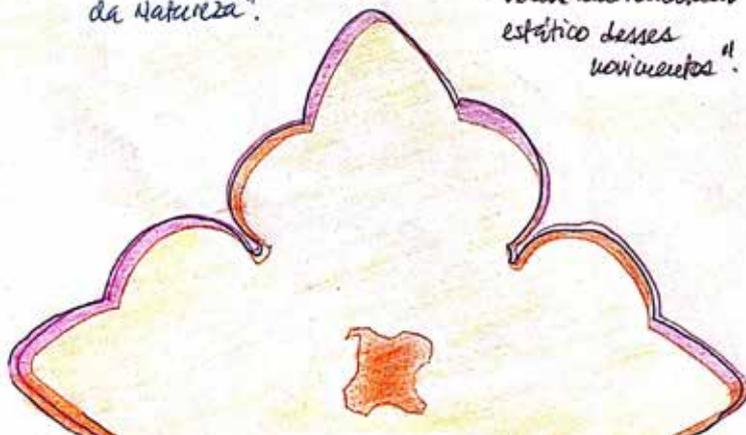
SOMOS TODOS NATUREZA EM MOVIMENTO

"Observar, compreender, aplicar",
segundo Leonardo da Vinci, a imitação da Natureza nos faz fiéis a ela porque recorre a integração de cada figura com o elemento Natural.

Para Goethe, "tudo se perde num movimento constante...".
"O que está formado será logo de novo transformado; se quisermos alcançar em alguma medida uma intuição viva da Natureza".

Vladimir Verbitsky explica que embora o movimento da vida nos rodeie o tempo todo, não o percebemos, porque como as nossas olhos cobrimos apenas a sua beleza e cores...
"venha um resultado estático desses movimentos".

Fábio Scarano cita Italo Calvino que se refere a essa matéria misturada continuamente, ao sabor do acaso, ora formado numa pedra, ora o chumbo, ora o coral, ora uma flor, ... em constante movimento e alteração



(Algumas ideias e brincadeiras por enquanto...)

ENREDO

Gaia conta história para Urbana dormir

Ambas são cianobactérias

Urbana é uma cianobactéria da turma que proliferou muito com a poluição

Filha do equilíbrio dinâmico desregulado

Elas conversam sobre "o que é a vida"

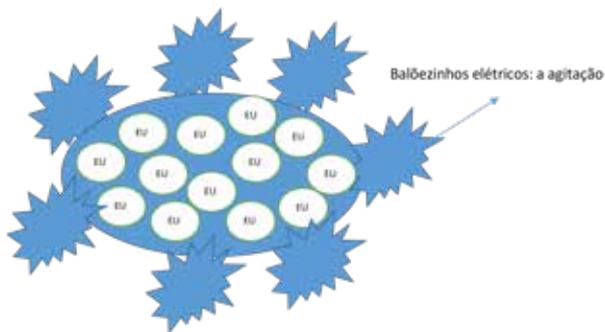
Gaia apresenta algumas pessoas com quem já conversou (algo assim) Vernadsky, Lynn etc (eles podem ser representados como cianobactérias também)

As perguntas são respostas dos que geramos.

Aí entram desenhos, poemas, textos...

Urbana quando dorme sonha

Incorporar o sonho na forma como ouvimos a Biosfera



Nada acontece sozinho.

Todas as coisas precisam de no mínimo duas coisas para acontecerem.

Para acontecer omelete precisa de fogo, óleo, ovo, um pouquinho de sal e de pessoa batendo o ovo. Será que esqueci de alguma coisa?

Pra acontecer uma árvore precisa de semente, terra, água, sol, cuidado e tempo.

Será que esqueci de alguma coisa?

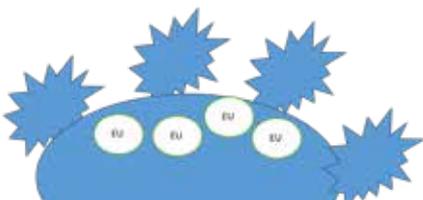
Esqueci de te contar que sou Urbana e preciso muito de você.

Preciso que você me ajude a lembrar porque muitas vezes esqueço coisas importantes. Por isso vou deixar espaços assim para você me lembrar das coisas que eu esqueci. Nada acontece sozinho. E vai ser bonito ter você acontecendo junto comigo.

Sei que você é ser humano porque só seres humanos leem letras. Árvores, carrapatos e onças não leem letras. Árvores, carrapatos e onças leem o tempo, sabem quando vai chover, por exemplo. Alguns macacos estão sendo ensinados a ler letras mas acho que até agora só seres humanos conseguem.

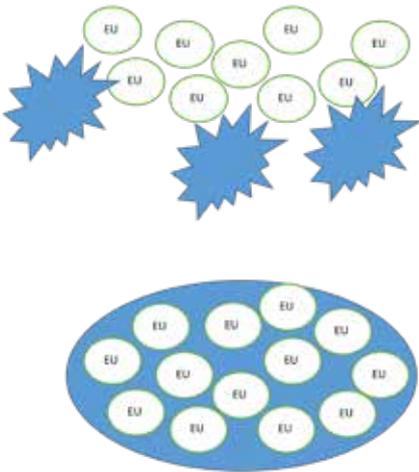
Será que árvores, carrapatos e onças conseguiriam ler letras também?

Olha esqueci outra coisa! Te contei que sou Urbana mas esqueci de contar que sou uma cianobactéria. Tenho aflição de falar que sou uma cianobactéria porque sei que vocês, seres humanos, se assustam quando ouvem a palavra bacteria e logo pensam que vou fazer mal. Eu sou do bem e posso fazer bem e mal, assim como vocês, seres humanos. Também sei que vocês se assustam muito com tudo aquilo que existe e vocês não conseguem ver. Pois então, eu existo, estou aqui escrevendo e vocês não podem me ver, sou invisível. Sou muuuito pequena, menor do que um ponto final. E ultimamente tenho me sentido aquele pontinho que fica no ponto de exclamação! Como se tivesse um pedaço de madeira grande e pesado em cima de mim. Não estou bem. Já faz um tempo que não consigo dormir. Vocês já se sentiram assim? Por que será que estou tão agitada?



Tenho a sensação de que estou em muitos lugares ao mesmo tempo. Estou aqui e parece que lá ao mesmo tempo! O que será que está me acontecendo?

Será que exagerei na proliferação? Outras minhas de mim mesma também se sentem agitadas. Ah, esqueci de contar outra coisa importante. Sou uma Colônia de Cianobactérias. Quando eu falo eu, esse eu significa muitos eus ao mesmo tempo. Todos os meus eus estão muito agitados. Se eu tivesse coração, como vocês, com certeza ele estaria batendo rápido. Mas não temos coração. Somos gentis e afetuosas mas não temos aquele órgão que pula no peito.



Outro dia fiz uma reunião interna com todos os meus eus. Vocês seres humanos chamam isso de terapia ou meditação. Sentíamos mesmo que algo estava muito errado...

Um dos meus eus propôs que pensássemos o que haviam feito nos últimos dias. Tempos atrás não nos sentíamos assim tão agitadas, provavelmente alguma coisa recente deveria estar causando a agitação.

O que poderia ser?

Alguma coisa que nós comemos?

Não, não comemos coisas....

Alguma coisa que nós bebemos?

Não, não bebemos coisas....

Nós, cianobactérias, somos seres simples.

Vocês, seres humanos, são complexos.

Mas estamos tão esquisitas que estamos ficando complexas também.

Por que será que não conseguimos ficar paradas?

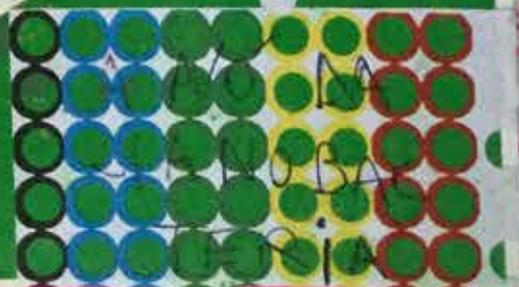
Estamos um pouquinho aqui e logo já queremos estar ali. Por que será?

Para ficarmos mais calmas lembramos de algumas histórias que nossas avós nos contavam.

Nossas avós eram muito sábias porque eram muito antigas, já tinham vivido muitas emoções e provavelmente já tinham vivido tempos de muita agitação.

MATÉRIA VIVA VERDE NA FORMA
HIDROSFERA CAVALOS E PLÂNCTONS
DE VIDA PRODUÇÃO DE OXIGÊNIO AXIOMAS
A FLORESTA RESFRIA O ORGANISMO
DA TERRA AZINHA E JABUTICAIBA
SERES EM TRANSFORMAÇÃO A FLORESTA É O
FUTURO DA CIDADE CANETA AZUL PLANETA
ÁGUA EQUILÍBRIO AMBIENTAL A NATUREZA É
SITE SPECIFIC BIOFILIA, OUROBOROS
SAMARA CIANOBACTERIAS CARAVELA
TROLLS BIOSFERA COMO REGIÃO DE
TRANSFORMAÇÃO CÔSMICA ESPÍRITO CRIANÇA
CONVERSA COM AS PLANTAS CONFIANÇA
PINTURA REDE PLASMA PERGUNTAS
CAMADAS MICELIUM MOVIMENTO
ROSTA TERRESTRE FORMAÇÃO DO
PLANETA MANTO E NÚCLEO

TURMA QUE SUSPENDE





GAIA, URBANA e a CAMISETA DA ESCOLA

Gaia tinha um sol no púbis que esquentava sua pança acima até o calor do seu magma chegar nas águas claras do seu diafragma, antes mesmo de todo ar dos seus pulmões.

As montanhas de costelas e fígado e rins eram verdes
e cheias de insetos.

Aí, já no peito, vinha um ar fresquinho e sem cor,
só colorido pelo colar de pérolas de cianobactérias
que caíam em gotas dos raios do mesmo sol do seu púbis,
agora pescoço.

Pescoço de uma menina, a Urbana,
que usava uma camiseta da escola pública,
tinha pele vermelha
e cabelos escorrendo em rios negros por toda Gaia.

Gaia era Urbana e Urbana era Gaia.

Contar da fome de uma, era contar do que a outra comia.

Pentear os cabelos de urbana era navegar nos rios de Gaia
e desembocar nas águas quentinhas do diafragma
que o sol de cima e de dentro fazia aquecer.

Urbana tossindo era água que subia e que descia.
Gaia chamava de chuva e a plantas matavam a sede.

Gaia e Urbana eram duas e eram a mesma.
Se Urbana cortava os cabelos, faltava água no mar.
Se Gaia esquentava de mais,
caíam os colares de pérolas de Urbana.

Um dia fez sol tanto sol, tanto calor,
subindo do púbis e descendo do pescoço

que Urbana tirou sua camiseta riscada de céu azul e verde água
e pulou na água.

Mas a pele de Urbana era a camiseta de Gaia,
e a camiseta da escola era igualzinha pele de Gaia.

Desde esse dia
todas as crianças do Rio de Janeiro
se vestem de Gaia
quando vão prá escola.

Os órgãos da lagarta
não servem à borboleta,
e por isso se dissolvem
dentro do casulo
em uma espécie de sopa
até virar um novo coração
com asas coloridas.



BIOS

(+ CRÉDITO IMAGENS)

CAMILA VAZ ou Lila. Nasci numa pequena cidade do interior de São Paulo, em meio a canaviais e agronegócio. Desde os 13 anos passei a me envolver em movimentos de agroecologia e agricultura familiar. Estudei algumas coisas aparentemente diferentes entre si, como arquitetura/urbanismo e letras, mas acabei me formando academicamente em artes visuais. Gosto de pensar sistemicamente, e o conhecimento com a terra me ajudam no cultivo de uma pesquisa ecossistêmica em artes que denominamos CHRUA (antes de mais nada, uma palavra inventada). Desse cultivo cultural, brotam livros, experimentações gráficas, filmes, e muitos muitos encontros e parcerias de afeto e confiança, que expandem constantemente nossas cosmovisões: com artistas, poetas, comunidades quilombolas e comunidades guarani, huni kuin, pataxó e awaeté. Foi fruto desses encontros férteis que acabei sendo abduzida pela nave Dantes, que considero uma escola. Desde 2018 colaboro em diferentes projetos nos quais a Dantes se envolve, como *Mbae Ka'a: O que tem na mata?* junto a comunidade guarani do Jaraguá (capital SP), nas *Jornadas de Una Shubu Hiwea: Livro Escola Viva* – junto a professoras e professores de comunidades Huni Kuin do rio Jordão (Acre), e com os dois *Selvagem ciclo de estudos sobre a vida* com toda essa rede incrível. Colaborei junto com Anna, Isabelle e Heloisa na pesquisa para o livro *Biosfera* e acredito que foi um dos trabalhos mais significativos que já vivemos juntas. E foi onde conheci Cecilia Payne. Hoje em dia estou praticando yoga e plantando alface, rúcula e muitas hortaliças. Colaboro, junto com a Thelma, Jojo, Paula, Cazul e uma incrível rede articulada, com o projeto *Lanchonete<>Lanchonete* (e apoiem esse rolê <3): uma cozinha-escola ecopolítica onde se combina práticas ecológicas, artísticas, educação e justiça social com as crianças moradoras da Pequena África, Gamboa. E no final, acho mais legal fazer tudo juntas.





Sou **NANA ORLANDI**, tenho dificuldade com classificações mas quando preciso me defino como uma artista interdisciplinar que busca entender e experienciar a vida por diferentes perspectivas. Sou formada em Direito pela UFRJ e em Geografia pela PUC-Rio e desenvolvi, ao longo de quatro anos, pesquisa pelo CNPQ na área do estudo das cidades na tentativa de integrar as duas graduações. Desde 2010 faço parte da etnohaus, associação cultural, coletivo de artistas, músicos, produtores e profissionais de diversas áreas cuja proposta é refletir e atuar no espaço público da cidade através de projetos artísticos principalmente na área da música. Atualmente participo como cantora e percussionista nas bandas Mohandas e Grupo Maracutaia e trabalho como produtora dos artistas TYARO, MOJO e com o mestre Babalorixá DOFONO D'OMOLU com quem estudo desde 2014 os toques cantos e movimentos do candomblé Ketu e Angola. Faço parte do Grupo Guardiões Huni Kuin e desde 2017 realizo junto com outros parceiros (Carou e Lucas Canavarro que estão aqui no grupo) o Encontro Mi Mawai, projeto que viabiliza encontros musicais e produção áudio visual em torno da música indígena. Também colaborei com a exposição UNA SHUBU HIWEA realizada pela Dantes Editora e tenho essa grande alegria de ser uma das alunas dessa grande Escola Viva da Floresta!

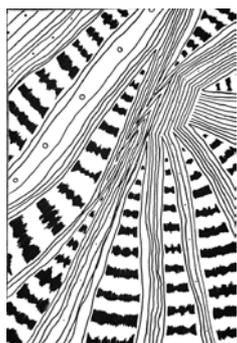
DEBORA BORATTO: Oi, pessoal, que alegria poder embarcar nessa aventura com todes aqui! Sou uma mulher de 23 anos, das Minas Gerais, cheia de dúvidas e incertezas sobre mim e sobre meu lugar nessa biosfera. Das poucas certezas que tenho, posso dizer que viajar me faz muito bem, que eu adoro ouvir histórias, contos e poesias, e que ir na cachoeira é um dos meus programas favoritos. Desde que participei de um projeto na comunidade indígena de Opaskywayak Cree Nation, Canadá, venho traçando uma jornada de autoconhecimento e percebendo um especial interesse pela temática indígena. Atualmente estudo Engenharia Ambiental na UFMG, atuando principalmente no setor de saneamento. Dança, bordado e livros têm sido grandes companheiros nesses tempos de isolamento. E, agora, vejo que esse ciclo de estudos será mais uma oportunidade de refletir, aprender e entrar em profunda conexão com o mundo e comigo mesma. Até!

ORIGENS DA VIDA

No começo, tudo estava escuro. Eu dormia toda enrolada e me sentia bem aquecida. Era como se uma grande lâmpada estivesse me sustentando e eu estava toda coberta. Não a cobria de uma maneira... era leve. Eu sentia que tinha espaço. Um dia veio o gás d'água. Era maravilhoso a coisa e me enrolei no seu abraço. Eu sorri e respirei pela primeira vez. A coisa agora estava úmida e foi quando eu senti pela primeira vez o cheiro de terra molhada. Que aroma delicioso! Aquela água, aquela chuva... maravilhosa e maravilhosa de que alguma coisa de força vital. Mas ainda me sentia fraca demais para mexer. Permaneci quieta, esperando aquela o grande dia em que a gente começa a se mover. Eu sei que não vou respirar e não vou... desde então, ela sempre veio e me envolveu no seu abraço confortante e estimulante. Comecei a me sentir cada vez mais viva e mais forte. Até que um dia me veio uma maravilhosa vontade de me erguer. Foi aquela vez que comecei a do fundo do poço e me puxando todo o corpo até chegar ao entrelaçado e quente chão. Lá, que eu abri o meu olho que eu ergui pela primeira vez. Espreguei tanto que um borboleta se abriu e de lá veio minha primeira voz. Acho que essa história é que alguma coisa de energia. Aquela água quente veio e a minha primeira voz começou a falar. Eu sorri, se lembrava a lá contando toda aquela coisa. Eu sorri, me enrolei naquela coisa. Ela se enroscava num só e não tornava a coisa ainda mais firme.

No início disso tudo, eu me sentia cada vez mais forte, mais confiante e com mais energia. Comecei a me desentrelaçar e a erguer. De repente veio uma luz que eu nunca tinha visto, mas que eu sabia que estava. Como uma estrela. Acho que alguns também choraram por ela. Espirei e espirei até chegar ao final da coisa. De lá a hora de me levantar por um mundo desentrelaçado... como uma coisa que saltou e se foi para fora da coisa, eu, cuidadosamente, coloquei um pedacinho de mim para fora da coisa. Foi pela primeira vez o mundo lá fora. E assim eu fui lá fora. Assim eu comecei a conhecer o mundo lá fora e a me mover lá fora. Quando ficou escuro, também senti pela primeira vez os olhos das outras estrelas. E é assim que a grandeza do universo começou a se manifestar aqui na Terra.





Mãe
Ginubactéria
Todo o verde
tem parentese

O mundo
é verde?
O verde
é mundo



Olá, eu sou LUCAS CANAVARRO, cineasta e artista visual, do corpo e da palavra. Minhas pesquisas ao longo dos últimos anos sempre envolveram trabalhos de coletividade nas artes, seja no cinema, no teatro, na dança ou na performance, experimentando com a performatividade da imagem e com a possibilidade de construir uma câmera “viva”, por assim dizer. Desde 2017 tenho aproximado esses saberes provenientes do campo das artes a saberes dos povos originários, já que, desde que entrei em contato com o povo Huni Kuin, projetos começaram a florescer nessa direção. Desde então tenho procurado ler e me aprofundar nesses assuntos, pra ampliar a minha visão estética do que é arte e do que é cultura, e compartilhar. Me interessa por criar pontes e pelas conexões frescas, que estão sempre se formando, quanto mais nesse mundo tão movimentado em que tudo é, tudo está, e tudo parece acontecer. Vou destacar rapidinho três projetos pra ilustrar o começo dessa nova trajetória. Em 2018, trabalhei como diretor do segmento documental de episódios da série *Vestígios do Brasil*, com direção-geral de Lúcia Murat, sobre o relatório Figueiredo, que tratou de violações dos povos indígenas no Brasil até o ano de 1967, tendo sido enterrado pelo AI-5 em '68 e redescoberto somente em 2013 pela Comissão da Verdade. Nesse trabalho pude conhecer aldeias e figuras dos povos Wari, Cinta Larga, Munduruku, Bororo, Umutina, Guarani-Kaiowá e Kadiwel. Em 2017, comecei a trabalhar no projeto Encontro Mi Mawai com Nana e Carou, que fazem parte aqui desse grupo, cuidando de alguns registros audiovisuais, até que pude ir pela primeira vez para a Terra Indígena Kaxinawá, do Povo Huni Kuin, no Jordão/AC, em 2019, com um desdobramento desse projeto junto ao ponto de cultura Huni Kuin Kayatibu, cujo resultado final foi o vídeo-álbum *Ni Ishanai – Floresta Futuro*. E, também em 2019, comecei a trabalhar junto ao Selvagem, descobrindo novas possibilidades e testemunhando a formação de novas pontes e conexões que, acredito, são muito poderosas.

NINO tem 9 anos, mora no Rio de Janeiro, gosta de bichos, ciências, quadrinhos, videogames, plantas e torta de banana. Quando crescer quer ser biólogo e pacifista. Ele desenhou e participou das conversas biosfera para crianças.



DANI LIMA: Olá a todxs! Estou muito grata e feliz de estar aqui com vcs nesse mergulho pela Biosfera. Sou Dani, trabalho como artista, professora e pesquisadora do corpo e da dança há cerca de 30 anos no Rio. Hoje estou doutoranda em Literatura, Cultura e Contemporaneidade na PUC Rio, onde tb dou aulas de corpo, e pesquiso sobre Ecossomática, esse campo onde os estudos de Ecologia e os estudos Somáticos do Corpo se encontram. Desde 2016 mergulhei no método de Anatomia Experiencial Body-Mind Centering, que foi uma mudança de paradigma pra mim, despertando meu interesse pelo diálogo com as comunidades celulares que nos habitam e por uma abordagem de cuidado de si/cuidado do mundo em continuidade dentro-fora, corpo-ambiente. Desde então mais e mais tenho sentido a urgência de me conectar com os saberes dos povos originários brasileiros, que sempre pensaram o corpo em continuidade com a natureza e valorizaram o poder do invisível. Tô lendo Kopenawa e Krenak, e também outros autores apresentados pela Dantes, e percebo que tenho muito a aprender. Não pude estar no Ciclo Selvagem por questões familiares, mas tenho um grande interesse de aproximação com grupos que estejam vibrando idéias e práticas que nos ajudem a inventar um novo futuro para o planeta. Eu pessoalmente acredito que para tanto é necessária a reapropriação do nosso corpo sensível, rearticulando nossos pensamentos à materialidade de nossa natureza – nossos genes, nossas células, nossos tecidos, nossas estruturas. Aposto nas práticas sensíveis do corpo para nos estimular a habitar nossos corpos diferentemente, em outros modos de saber-sentir, abrindo espaço para imaginar novos modos de habitar o planeta. Minha trajetória artística: <http://www.ciadanilima.com.br>



ANA MIGUEL: Sou artista, e podem ver alguns livrinhos com meus trabalhos aqui: <https://issuu.com/ana.miguel> Também me interesso e me envolvo com outros campos do pensamento, e no ano passado pude assistir algumas tardes do Selvagem. Que experiência adorável, o Selvagem! Voltei para casa com alguns dos belos livros, estou fascinada com o *Biosfera*. Em paralelo estou lendo *A queda do céu*, do Kopenawa, uma combinação perfeita para 2020.

Ode à cianobactéria (Nivea Dias dos Santos)

Vida invisível
Arquiteta a atmosfera
Do caldo primordial
Transforma luz em matéria

Reflete sobre si o cosmos
A Terra Bola de Neve
Produz, reproduz, dissipa
Camada vital, prossegue

Em associações simbióticas
Origina organelas
Que bailam, criam formas
Nos oceanos, nas dimensões da Biosfera

Vida complexa
Conquista a terra
Dos oceanos saudosa
Com mucilagem, a cianobactéria

Espalha-se sobre solos
Membrana de Gaia, mistura elementos
Retém água, fixa ar, recicla
Coloniza rios, prossegue

Encontra outros corpos
Com quem se associa
Abraça árvores e rochas
Em simbiose evolui, recria

Vida transcendente
Conduz a Terra
Desde os tempos remotos
À atual Era

Criada pelo homem
Ser fabuloso que erra
Eutrofiza, desmata, polui
Prossegue, a cianobactéria

Regula a potabilidade
Das águas urbanas
É tida como inimiga
Por sociedades humanas



NIVEA DIAS DOS SANTOS: Saudações! Sou fluminense de origem, vascaína de torcida, bióloga, botânica, trabalho com ecologia vegetal e sou professora da UFRRJ. Também amante das artes, em especial da música (toco violão e arranjo um cavaquinho). Como cientista, sou adepta de uma visão holística, sistêmica e sou espiritualista. Me interessa por filosofia, arte, antroposofia e outros campos de conhecimento que lançam seus olhares sobre a vida. Da mesma forma que o ciclo selvagem, acredito que apenas com a convergência de saberes conseguiremos compreender a linda e complexa árvore da vida. Parabêniso a iniciativa e me coloco à disposição para colaborar nas discussões.

RICARDO DE MATTOS MARTINS CUNHA: Atualmente estou professor de História e de Ensino Religioso pela rede estadual de ensino em Santa Catarina. Bacharel em História pela Universidade de São Paulo-USP e licenciado em História pela Universidade Federal de Santa Catarina-UFSC e voluntário do Laboratório de História Indígena da Universidade Federal de Santa Catarina-UFSC. Trabalhei por anos com crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade na cidade de São Paulo. Em 2003 me mudei para o Rio de Janeiro e comecei uma sequência de trabalhos na área ambiental, principalmente em instituições do terceiro setor como a Rede Brasileira de Sistemas Agrofloretais-REBRAF, onde coordenei um projeto na Região dos Três Picos na cidade de Nova Friburgo. Trabalhei como consultor na área ambiental durante quatro anos no Mato Grosso do Sul (de onde sou natural) e depois vim morar em Florianópolis (desde 2013 aqui) para iniciar uma retomada de antigo sonho que é a continuidade de minha formação acadêmica para me tornar professor. Durante minha vida me deparei com os ensinamentos das histórias tradicionais de diversos povos e passei então apresentá-las, em meu trabalho de ensino religioso e de história, para as turmas de sexto ao nono ano, na tentativa de, por meio delas, conectar meus alunos e alunas às diversas possibilidades de outras realidades de nosso mundo.



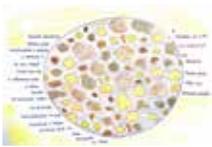
Olá, eu sou a **MAÍRA PADGURSCHI**. Sou bióloga pesquisadora da Universidade Estadual de Campinas/SP. Como tentativa de melhorar nosso planeta, eu busco traduzir o conhecimento acadêmico em ações para a sociedade. Tenho bastante interesse em estudos com os serviços ecossistêmicos e soluções baseadas em ecossistemas para enfrentamento de mudanças climáticas. Até recentemente, eu achava que tinha me descoberto como profissional no final da graduação, quando passei um período em Maués-AM trabalhando questões ambientais com ribeirinhos pelo programa Universidade Solidária. Mas atualmente entendi que venho traçando esse caminho há muito tempo, especificamente desde a Rio-92 quando tinha então 10 anos e me maravilhei com o esforço coletivo pelo bem comum. Obrigada Anna, Mada e Aliny pela oportunidade de discutir esses assuntos aqui no curso que, pra mim, será como aquela energia de renovação necessária nesse momento =)

LUIZ GUILHERME VERGARA: Ph.D. em Arte e Educação pela New York University. Professor associado do Departamento de Arte da Universidade Federal Fluminense (UFF), coordenador do curso de graduação em Artes (desde 2019), membro do Programa de Pós-Graduação em Estudos Contemporâneos das Artes. Co-Fundador do Instituto MESA (www.institutomesa.org). Coordena grupo de pesquisa – Interfluxos Contemporâneos entre arte e sociedade/zonas de confluência entre arte e ciência. Foi curador/diretor do Museu de Arte Contemporânea de Niterói (MAC) de 2005-2008 e 2013-2016. No MAC Niterói desenvolveu projetos curatoriais com foco no diálogo entre a arquitetura circular de Oscar Niemeyer, suas relações com a paisagem da Baía de Guanabara e as interfaces experimentais entre arte, educação, meio ambiente e sociedade. Desenvolveu exposições da coleção MAC João Sattamini, Poéticas do Infinito (2005) e Abrigo Poético de Lygia Clark (MAC, 2006). As questões entre arte e ações ambientais se ampliaram através de curadorias em colaborações internacionais, tais como Joseph Beuys: Res-Pública. Conclamação para uma Alternativa Global (2013), Coletivo Francês Libanês : Suspended Spaces (2014), e Isaac Julien. Ten Thousand Waves (2016) como parte da exposição Baía de Guanabara: águas e vidas escondidas, celebrando os 20 anos do MAC, afirmando a vocação do museu para a Arte Ação Ambiental.

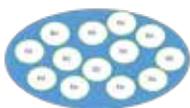
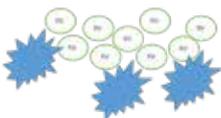




Laura Castro: Sou artista da palavra e editora independente. Moro em Salvador/BA e sou professora da Universidade Federal da Bahia - UFBA, com atuação no Bacharelado Interdisciplinar em Artes. Busco o religare da poesia com a canção do planeta, sua caosmose, na construção de novos mundos. Pesquiso as possibilidades materiais das palavras. Interesso-me pelo pensamento indígena, suas poéticas e estéticas para a vida, mas também para a condução de práticas de ensino decoloniais dentro da universidade pública no campo das artes. Agradeço pela oportunidade deste ciclo partilhado. Fico na escuta!



Marcelo Varella: Oi gente, nasci em Tóquio e tenho 54 anos. Ao longo de 30 anos atuei na indústria da aviação comercial. Fui executivo de linha aérea mas aquela atividade foi perdendo o sentido para mim, viajar para gerar lucro já não combinava com meus anseios. Resolvi dar uma virada, antes tarde do que nunca... O yoga me despertou para reconsiderar e dali foi um pulo para um novo caminho que sigo trilhando. Nesse percurso estou cursando graduação em filosofia na UERJ tendo recém iniciado o Mestrado, fiz o Certificado para Ciências Holísticas na Escola Schumacher Brasil, pós graduei-me em Meio Ambiente pela Coppe/UFRJ e estou trabalhando no TCC da pós-graduação de Ciência das Religiões pela Faculdade de São Bento trabalhando em convergências entre a cosmologia indígena e a *laudato si*. Em 2019 participei pela primeira vez do Selvagem e estou muito feliz de estar com todos vocês aqui juntos estudando, trocando e pensando outras possibilidades de existência coletivas.



Eu sou **Priscila Jacomo**, palhaça profissional e 'de vida'. Sou bastante atrapalhada e descobri que sou uma 'boba sagrada'. Sou 'palhaça cacica' do Povo Parrir, projeto que idealizei e que promove o encontro de 'palhaços da cidade' com fazedores de riso dos povos indígenas. Já me encontrei com bobos sagrados do Povo Krahô, do Povo Kariri Xocó e do Povo Guarani Mbya. Os encontros acontecem tanto nas aldeias como na cidade e são sempre bem emocionantes. Tenho aprendido muito com os povos indígenas e estou me aprofundando numa pesquisa sobre o palhaço num ponto de vista 'anticolonial'. E é bonito porque isso tem me levado a estudar sobre diferenças, diversidades e sobre a terra. Descobri que o riso vem da terra e agora quero estudar um pouquinho mais.



FERNANDA ZERBINI, São Paulo, 1982, vive entre Rio de Janeiro e São Paulo. É artista e arte educadora. Pesquisa sobre criança e natureza, a criança no ateliê e na floresta. Fez a formação de educadores na Casa Redonda (São Paulo, 2017) e a formação de Educação Viva e Consciente na Escuela Viva Del Bosque com Ivana Jauregui (Uruguai, 2017). Em 2018, frequentou as jornadas sobre desescolarização no Amalaya com Ana Thomaz e fez o curso Raízes com Gandhy Piorski. Fez cenografia e atividades para Fábula e para Editora Cobogó através do livro Arte Brasileira para Crianças entre 2016 e 2018. No Rio de Janeiro foi inspiradora no Espaço CRIA (2016-2017). Atualmente acompanha a Escola Ciranda (Cotia, SP), é professora no parquinho lage, trabalha em projetos de educação infantil e realiza oficinas de arte para crianças em galerias de arte e ateliês.



GELA, URBANA e o OSMIETO DA ESCOLA

Gela tinha um sol no peito que esquentava nos países sem sol e o calor de seu sangue chegou nos países claros de seu diáfano, entre bases de todo ar dos seus países.

Ao montanha de costas e fígado e riso era verde e chato de favelas.

Aí, já no peito, via-se ao ar fresco e um cor, só colorido pelo calor de pétalas de clambactérias que caem no chão dos rios de mesmo sol de um país, agora pequeno.

Pescoco de um monte, o Urbana, que usava um contato de escola pública, tinha pelo venha e cabelos sacudindo ao riso negro por todo dia.

Gela era Urbana e Urbana era Gela.

Contar de fama de um, era contar do que a outra conta.

Pensar em cabelos de urubana era navegar nos rios de Gela e desamocar nos águas quentinhas do diáfano que o sol de cima e de dentro fazia apagar.

Urbana tossindo era água que molha e que desce, Gela chama de clara e a plantar matava a sede.

Gela e Urbana eram duas e eram a mesma. Se Urbana cortava os cabelos, favelava água no mar. Se Gela esquentava do sol, caía no colar de pétalas de Urbana.

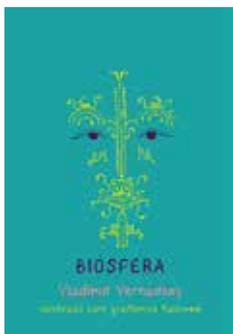
Um dia fez sol tanto sol, tanto calor, batido de pétala e descendo do pescoco

THELMA VILA BOAS: Depois da leitura dos primeiros conceitos apresentados no livro Biosfera e as reafirmações da querida Aline sobre o que anunciou Vernadsky, posso dizer o que sempre soube mas nunca havia encontrado campo para afirmar sem parecer viagem de ácido. Eu sou pó de estrela em completa troca com a crosta terrestre, feliz da vida por viver na biosfera e sou uma alimentada dependente dos raios de sol. Todos meu átomos dialogam e reverenciam o astro rei. Me mudei pro Rio de Janeiro por motivos de outra ordem e justificados politicamente, mas vim atrás dos dias ensolarados, da natureza perto da cidade, da visão do alto mar, do céu azul e do calor. Ouvir a explicação da Aline sobre a definição de energia me causou tremenda alegria ... por tomar um tico de sol todo dia ao acordar, ponho a me mover e então faço o que eu faço, cuidando da minha casa, dos meus filhos, da nossa alimentação, das nossas amizades, das plantas e dos animais, do que chamamos de trabalho e construção de inteligência, do nosso espírito e de tudo e todes que com nosso campo matérico e energético alcançamos e interferimos. Agradecendo por esta oportunidade!



PEDRO LAGO: Poeta e editor. Rio de Janeiro

SOBRE O LIVRO BIOSFERA



Publicado pela primeira vez em 1926, a obra *Biosfera* do russo Vladimir Vernadsky ficou muito tempo ignorada no Ocidente antes de ser reconhecida. É um livro que revolucionou nossa visão do mundo. Vernadsky nos ensina como a vida foi e continua sendo a força geológica transformadora do nosso planeta. Ele mostra as diferenças entre uma visão inanimada e mineralógica da história da terra e um retrato da Terra infinitamente dinâmica como domínio e produto de vida, assunto ainda pouco estudado. O autor procura entender as profundas implicações da vida como um fenômeno cósmico. Mineralogista de formação, Vernadsky foi quem elaborou pela primeira vez sobre o conceito de biosfera.

As ilustrações de nossa edição criam uma narrativa paralela, proveniente do conhecimento das forças da natureza inscritos nos grafismos do povo Kadiweu.

SOBRE VLADIMIR VERNADSKY



Vladimir Ivanovich Vernadsky (1863-1945) nasceu em São Petersburgo, Rússia. Filho de Ivan Vernadsky, professor de economia política, e Hanna Konstantynovych, professora de música, cresceu na cidade de Carcóvia, na Ucrânia.

Trabalhou em diversas universidades e laboratórios na Rússia, Itália, Alemanha e França.

Enquanto lecionava na Sorbonne, Paris, em 1924, publicou o texto *La Géochimie*, que foi posteriormente traduzido para o russo, o alemão e o japonês. Trabalhou no laboratório de Marie Curie e desenvolveu o conceito da biosfera, resultando em seu livro seminal *Biosfera*, publicado em russo em 1926. Escreveu muitos artigos sobre geoquímica, mineralogia, águas naturais, circulação de fluidos e gases na crosta terrestre.

Vernadsky, considerado um dos fundadores da geoquímica, foi um dos primeiros cientistas a reconhecer que o oxigênio, o nitrogênio e o dióxido de carbono na atmosfera da Terra resultam de processos biológicos.

SOBRE ALINY PIRES

Eu sou a Aliny. Ecóloga, pesquisadora e professora interessada em entender o papel da biodiversidade neste planeta, desde a regulação de processos biológicos até o controle de sistemas produtivos e do bem estar humano. Em especial, aspectos relacionados a água são aqueles que mais me cativam. Neste caminho, tive a oportunidade de conhecer diversos colegas e instituições, as quais ainda sigo em parceria (UERJ, UFRJ, BPBES, Rede Clima, FBDS). O convite para conduzir o Ciclo de Leitura *Biosfera* abriu uma nova oportunidade e possibilidade de revisar as bases do que faz este planeta tão especial.

AGRADECIMENTOS

Instituto Clima e Sociedade
Conservação Internacional Brasil